

FACULDADE DOM LUCIANO MENDES

Mauro César de Castro

**GUIA PARA ELABORAÇÃO DE
TRABALHOS ACADÊMICOS EM FILOSOFIA**

Mariana

2017

Mauro César de Castro

**GUIA PARA ELABORAÇÃO DE
TRABALHOS ACADÊMICOS EM FILOSOFIA**

2ª edição revisada e ampliada

Mariana
FACULDADE DOM LUCIANO MENDES

2017

FACULDADE DOM LUCIANO MENDES

Rodovia dos Inconfidentes, km 108 | CEP 35420-000 | Mariana, MG

Tel. + 55 31 3558-1439 | www.famariana.edu.br

Presidente da Fundação Marianense de Educação: Dom Geraldo Lyrio Rocha

Diretor geral e administrativo: Ms. Vander Sebastião Martins

Diretor acadêmico: Ms. Wander Torres Costa

Coordenador do curso de Filosofia: Dr. Lúcio Álvaro Marques

Coordenador de Extensão e Pós-graduação: Ms. Wander Torres Costa

Elaboração: Mauro César de Castro

Revisão: Lúcio Álvaro Marques

C355g Castro, Mauro César de

Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos em Filosofia. / Mauro César de Castro. - - 2ª ed. rev. ampl. - - Mariana: Faculdade Dom Luciano Mendes, 2017.

67 p.

ISBN 978-85-66080-06-3

1. Trabalhos acadêmicos - Elaboração. 2. Trabalhos científicos - Normalização. 3. Redação científica. 4. Filosofia. I. Castro, Mauro César de. II. Marques, Lúcio Álvaro. III. Título.

CDD: 001.42

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA	7
1.1 Cientificidade	7
1.2 Especificidade da Filosofia.....	7
1.3 Ética em pesquisa	8
2 TRABALHOS ACADÊMICOS	9
2.1 Tipos de trabalhos acadêmicos.....	9
2.2 Regras gerais	9
2.2.1 <i>Título.....</i>	9
2.2.2 <i>Resumo</i>	10
2.2.3 <i>Introdução</i>	11
2.2.4 <i>Tema</i>	11
2.2.5 <i>Problematização.....</i>	12
2.2.6 <i>Justificativa.....</i>	12
2.2.7 <i>Objetivos.....</i>	13
2.2.8 <i>Metodologia.....</i>	14
2.2.9 <i>Desenvolvimento.....</i>	14
2.2.10 <i>Conclusão</i>	15
2.2.11 <i>Referências</i>	15
2.3 Resenha.....	17
2.4 Projeto de pesquisa.....	18
2.5 Relatório de pesquisa	19
2.6 Artigo científico.....	20
2.7 Monografia	22
3 CITAÇÕES	24
3.1 Regras gerais	24
3.2 Sistema autor-data.....	24
3.3 Tipos de citações	25
3.3.1 <i>Citação direta.....</i>	25
3.3.2 <i>Citação indireta.....</i>	26
3.3.3 <i>Citação de citação.....</i>	26

3.3.4 Citação com intervenções.....	27
3.4 Citação de obras clássicas	28
4 NOTAS	30
4.1 Regras gerais	30
4.2 Tipos de notas	30
4.2.1 Notas explicativas.....	30
4.2.2 Notas de referência.....	31
5 REFERÊNCIAS	33
5.1 Regras gerais	33
5.2 Elementos específicos	33
5.2.1 Data.....	33
5.2.2 Local e editora.....	35
5.2.3 Edição.....	36
5.2.4 Meio eletrônico.....	37
5.3 Autoria (e sistema autor-data)	38
5.3.1 Um autor.....	38
5.3.2 Dois ou três autores.....	38
5.3.3 Mais de três autores	39
5.3.4 Organizador, editor etc.	39
5.3.5 Autor-entidade.....	40
5.3.6 Autoria desconhecida	40
5.3.7 Mesmo autor e mesmo ano	41
5.3.8 Tradutor.....	41
5.4 Tipos de documentos	41
5.4.1 Livro	41
5.4.2 Livro em meio eletrônico.....	42
5.4.3 Capítulo de livro.....	42
5.4.4 Capítulo de livro em meio eletrônico	43
5.4.5 Dicionário e enciclopédia	43
5.4.6 Dicionário e enciclopédia em meio eletrônico.....	43
5.4.7 Verbetes de dicionário ou enciclopédia.....	44
4.2.8 Verbetes de dicionário ou enciclopédia em meio eletrônico	45
5.4.9 Artigo de revista	45

5.4.10 Artigo de revista em meio eletrônico.....	45
5.4.11 Artigo de jornal	46
5.4.12 Artigo de jornal em meio eletrônico.....	46
5.4.13 Trabalhos acadêmicos.....	46
5.4.14 Trabalhos acadêmicos em meio eletrônico	47
6 FORMATAÇÃO GRÁFICA	48
6.1 Regras gerais	48
6.1.1 Papel e margem.....	48
6.1.2 Espaço e parágrafo	48
6.1.3 Paginação.....	50
6.1.4 Fonte.....	50
6.1.5 Títulos e numeração	51
6.1.6 Ilustrações	52
6.2 Elementos específicos	53
6.2.1 Capa	54
6.2.2 Folha de rosto.....	55
6.2.3 Errata e folha de aprovação.....	56
6.2.4 Dedicatória e agradecimentos	57
6.2.5 Epígrafe	58
6.2.6 Resumo	59
6.2.7 Sumário.....	60
6.2.8 Referências	61
6.3 Resenha.....	62
6.4 Projeto de pesquisa.....	63
6.5 Relatório de pesquisa	64
6.6 Artigo científico.....	65
6.7 Monografia.....	66
REFERÊNCIAS	67

APRESENTAÇÃO

O presente guia consiste em um instrumento de padronização dos trabalhos acadêmicos na Faculdade de Filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes e apresenta orientações a respeito da elaboração, normalização e formatação dos mesmos. Além do estritamente normativo, também contempla aspectos de caráter metodológico e de estilo.

Ensino, extensão e pesquisa são os pilares de uma instituição de ensino superior. Face à exigência de cientificidade e à necessidade de comunicabilidade no ambiente acadêmico, torna-se imprescindível padronizar alguns procedimentos de pesquisa e de elaboração de trabalhos.

Tendo isso em vista, este guia apresenta uma síntese das principais normas em vigor da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para documentação e também convencionou um padrão institucional para os casos optativos ou não-normalizados – para estes casos, foi utilizada como critério a observância das práticas mais comuns em publicações científicas brasileiras e em outras instituições, bem como a funcionalidade. Optou-se por dar a este guia um caráter prático e sintético; para eventuais particularidades não contempladas e para aprofundamento, consultar a bibliografia de referência listada no final.

Este guia está organizado da seguinte forma: primeiramente foi apresentada uma caracterização da pesquisa acadêmica em filosofia; depois orientações para elaboração das partes que constituem o texto científico em geral e os diferentes tipos de trabalhos acadêmicos em específico; por fim, a normalização de citações, notas, referências e formatação gráfica. Para os diversos casos normalizados, teve-se o cuidado didático de apresentar exemplos reais e de natureza filosófica.

Para esta segunda edição, revisada e ampliada, fez-se uma revisão e reorganização geral do texto em busca de maior clareza e precisão; foram adicionados novos tópicos sobre relatório, ilustrações e tipos de artigo, assim como novos exemplos de referências e citações; as atualizações das normas da ABNT até a presente data também foram consideradas.

1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA

1.1 Cientificidade

A pesquisa acadêmica é de natureza científica, ou seja, é pautada pelo *rigor*, *objetividade* e *metodologia*. Produzir conhecimento exige capacidade de análise, síntese e crítica – e o trabalho acadêmico é a expressão escrita dos resultados desse processo. Assim, o texto científico prima pelo domínio da linguagem e pela fundamentação argumentativa. Um texto obscuro, confuso e superficial não gera interesse no leitor e não cumpre os objetivos traçados, por isso deve haver a observância à norma culta da língua, à clareza na exposição das ideias e à consistência da argumentação.

Seguir estes princípios significa estar apto a se inserir em uma comunidade de pesquisa de abrangência tanto maior quanto melhor for o trabalho apresentado. Isso é também imprescindível para o êxito do trabalho mediante a orientação e avaliação pelo professor. Não se pode perder de vista que todo texto visa à comunicação, fala a outrem, e, para tanto, deve ser expressivo e compreensível. Não se exige do estudante de graduação a originalidade, mas pelo menos a habilidade de compartilhar conhecimentos.

1.2 Especificidade da Filosofia

A pesquisa em Filosofia é de natureza predominantemente *bibliográfica*. Em outras áreas de conhecimento de caráter empírico, a pesquisa de campo recebe uma atenção especial e possui instrumentos e procedimentos próprios aliados ao referencial teórico. Raramente em Filosofia existe a pesquisa de campo, deixando todo o foco sobre a bibliografia. Por isso, é imprescindível ao estudante de Filosofia dominar a arte de analisar, interpretar e produzir textos.

Em Filosofia, os dados empíricos são válidos para justificar e exemplificar, mas não suficientemente para fundamentar a argumentação. Então, há que se ter também rigor na concatenação das ideias, na coerência das conclusões e na discussão crítica. É desejável, ainda, que a argumentação seja fecunda, ou seja, que possibilite ao leitor filosofar mais do que simplesmente apreender um conteúdo.

1.3 Ética em pesquisa

A questão da ética em pesquisa ocupa um lugar central no cenário acadêmico contemporâneo. Nas ciências humanas, especificamente, há grande preocupação com a sensibilidade e responsabilidade do pesquisador frente aos problemas existenciais e sociais e com a busca de valores éticos.

No domínio da educação, um grande desafio enfrentado atualmente diz respeito ao *plágio*. O plágio torna a educação ineficaz, invalida a cientificidade e consiste em um grave ato antiético e ilegal, pois fere o princípio da honestidade intelectual e os direitos autorais de outrem. O plágio ocorre quando uma pessoa se apropria indevidamente de produto intelectual alheio.

Considera-se plágio:

- a) cópia de *texto integral* de autoria alheia sem indicação da fonte;
- b) cópia de *trechos de texto* de autoria alheia sem indicação da fonte;
- c) apropriação de *ideias* de autoria alheia (mesmo que reescrevendo-as com outras palavras) sem indicação da fonte.

O trabalho em que for identificado plágio terá sua nota anulada.

O plágio pode ser resultado de má fé ou de desconhecimento por parte do autor de como citar as fontes consultadas, principalmente em se tratando de citações indiretas. Vale lembrar, então, que parafrasear e resumir são formas de citar, portanto sempre se deve indicar a fonte consultada.

2 TRABALHOS ACADÊMICOS

2.1 Tipos de trabalhos acadêmicos

Segundo Dalberio e Dalberio (2009, p. 93), o desenvolvimento intelectual do estudante ao longo de sua formação acadêmica pode ser caracterizado tendo-se em vista o que se espera dos trabalhos elaborados: no ensino básico, a finalidade é a “decodificação de símbolos”; na graduação, a “decodificação de ideias”; na pós-graduação lato sensu, a “decodificação e organização dos símbolos e das ideias”; no mestrado, a “decodificação, organização e crítica das ideias”; no doutorado, a “decodificação, organização, crítica e criação de ideias”.

Assim, são solicitados ao estudante diferentes tipos de trabalho, cada um atendendo a propósitos específicos. Em ordem crescente de aprofundamento e complexidade, os mais comuns são: resenha, projeto de pesquisa, relatório, artigo, monografia, dissertação e tese. Eles podem ser solicitados pelos professores ao longo do curso e também como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), conforme cada instituição, sendo que a dissertação e a tese aplicam-se respectivamente ao mestrado e ao doutorado. Na Faculdade Dom Luciano Mendes, o TCC de graduação em Filosofia consiste em uma monografia.

2.2 Regras gerais

Os itens descritos a seguir são os principais que compõem no todo ou em parte a maioria dos tipos de trabalhos, por isso serão apresentados em âmbito geral e depois, nos subtópicos correspondentes a cada tipo de trabalho, serão indicados quais itens os estruturam e suas especificidades.

2.2.1 Título

O título do trabalho deve explicitar seu conteúdo com o máximo de precisão, de tal forma que o leitor possa identificar imediatamente do que se trata o trabalho. Pode ser elaborado também um subtítulo para delimitar o subtema ou a abordagem do assunto. O título deve ser elaborado pelo pesquisador depois que o tema tiver sido definido ou, melhor ainda, depois que o trabalho tiver sido concluído, a fim de que seja totalmente coerente com o mesmo. Não confundir título (o enunciado do trabalho) com tema (o objeto de pesquisa). Estes critérios também são válidos para a titulação dos tópicos e subtópicos.

2.2.2 Resumo

O resumo cumpre o papel de permitir ao leitor uma visão concisa dos pontos mais relevantes do conteúdo de um texto. A ABNT (NBR 6028: 2003) distingue três tipos de resumo:

- a) *indicativo*: indica apenas os pontos principais do documento, sem dados qualitativos e quantitativos, não dispensando a consulta ao original;
- b) *informativo*: informa o objetivo, a metodologia, os resultados e as conclusões do documento, podendo dispensar a consulta ao original;
- c) *crítico*: análise crítica de um documento, também chamado de resenha ou recensão¹.

No artigo científico e na monografia, o resumo formulado é o *indicativo* e é um dos elementos pré-textuais. É seguido das *palavras-chave* (cerca de 5), isto é, palavras representativas do conteúdo do texto.

Quanto ao estilo, o resumo deve ser formulado observando-se os seguintes critérios:

- a) redigido em parágrafo único;
- b) a primeira frase deve explicar o tema principal do documento;
- c) a seguir, deve-se informar o tipo de tratamento (dissertação, narrativa, estudo de caso etc.);
- d) usar frases concisas e afirmativas;
- e) usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular;

Quanto à extensão, os resumos devem ter:

150 a 500 palavras	em trabalhos acadêmicos
100 a 250 palavras	em artigos de periódicos
50 a 100 palavras	destinados a indicações breves

¹ Ver abaixo a seção 2.3 sobre resenha.

2.2.3 Introdução

A introdução deve dar uma visão geral do trabalho. Basicamente, consiste em responder:

- a) *O que?* – delimitação do tema e problematização;
- b) *Por que?* – justificativa;
- c) *Para que?* – objetivos;
- d) *Como?* – metodologia.

Respondendo essas perguntas e concatenando as ideias de modo lógico, um caminho argumentativo pode ser traçado na introdução: *o que* a pesquisa aborda é um *tema* relacionado a determinado *problema*; *porque* se *justifica* por certos fatores e pela pertinência do *problema*; então, a pesquisa é realizada *para* alcançar alguns *objetivos*; *como* caminho de realização, adota-se uma *metodologia* adequada.

O tamanho da introdução deve ser proporcional ao tamanho do trabalho. O texto pode ser dividido em parágrafos correspondentes a cada um dos itens apontados acima; geralmente não se usa subtópicos (embora opcionais), exceto para os objetivos, que podem vir elencados através de alíneas. Não é recomendável o uso de citações na introdução, pois se pressupõe que ela expresse ideias de autoria do próprio autor do trabalho e a fundamentação das mesmas será apresentada no desenvolvimento, a não ser que seja imprescindível (por exemplo, se está problematizando a interpretação de uma citação de determinado filósofo).

A introdução e a conclusão são a “moldura” de um trabalho e merecem uma atenção especial por parte do autor tanto em relação à metodologia quanto ao estilo. Quanto ao estilo, respeitadas as idiossincrasias do pesquisador, deve-se levar em consideração que a introdução precisa instigar o interesse do leitor em conhecer a pesquisa realizada.

2.2.4 Tema

O tema define qual é o objeto de estudo pesquisado. Conforme as circunstâncias, a pesquisa poderá focar o objeto como um todo ou alguns aspectos específicos do mesmo, ou seja, alguns subtemas – e isto se refletirá na estrutura do trabalho pela divisão de tópicos e subtópicos a serem desenvolvidos. O tema deve ser apresentado e delimitado com precisão, pois a partir dele toda a pesquisa se desenvolverá.

A *delimitação do tema* se dá através de:

- a) definições conceituais (em que sentido e extensão os conceitos serão abordados);
- b) caracterização do objeto (uma compreensão preliminar do mesmo);
- c) elaboração do problema (o que está em questão).

2.2.5 *Problematização*

O que leva alguém a pesquisar um assunto? E o que leva alguém a consultar os resultados de uma pesquisa? Ora, a curiosidade e a intenção de resolver um problema. Então, a problematização consiste em apresentar o que gera a curiosidade sobre o tema e com quais problemas o autor se deparou e que o levaram a empreender a pesquisa.

A problematização confere o caráter investigativo à pesquisa. São questões a serem discutidas e podem ser apresentadas em forma de perguntas – e uma vez levantadas as perguntas, elas deverão ser respondidas. A problematização também gera os objetivos da pesquisa. Sem se apontar um problema, não há razão de se empreender uma pesquisa, já que não há o que ser alcançado. Nesta parte podem também ser apresentadas *hipóteses*.

Na problematização, pode se apontar o *estado da arte* (retomada das principais discussões já empreendidas em torno ao problema elaborado e as respostas já propostas, as quais poderão ser apontadas como hipóteses a serem confirmadas) e o *referencial teórico* (a área e a corrente de pensamento adotados pelo autor do trabalho para interpretação do tema, podendo optar por determinadas interpretações). Isso auxilia a demonstrar a pertinência do problema a ser discutido.

2.2.6 *Justificativa*

A justificativa demonstra a importância da pesquisa. Esta é relativa a cada área de conhecimento e às suas circunstâncias. Em geral, uma pesquisa se justifica por um ou mais destes elementos: relevância, utilidade, aplicação, contribuição, viabilidade, divulgação, novidade, interesse etc.

Não confundir justificativa (razão pela qual se faz necessário obter resultados) com objetivos (os resultados que se pretendem alcançar).

Deve-se evitar conferir à justificativa um tom demasiadamente subjetivo, pois o trabalho acadêmico tem por natureza o propósito de partilhar conhecimento e de ser importante para um grupo de pessoas. Justificativas subjetivas são secundárias. Também não se deve justificar utilizando a primeira pessoa do singular.

2.2.7 *Objetivos*

Os objetivos consistem nos resultados a serem alcançados com a pesquisa. Em relação à problematização, os objetivos pretendem responder as perguntas levantadas; sendo assim, pode-se elaborar um objetivo correspondente a cada pergunta. Deve-se ter em vista que os objetivos possam ser cumpridos através dos instrumentos e procedimentos a serem utilizados na pesquisa no tempo previsto para sua conclusão. Assim, eles serão retomados na conclusão do trabalho.

Os objetivos podem ser divididos em objetivo geral (apenas um) e objetivos específicos (cuja quantidade deve ser prudente, preferencialmente até três). O objetivo geral abarca o tema como um todo e os específicos, os subtemas; o resultado do objetivo geral é o conjunto dos resultados dos objetivos específicos.

Eles devem ser apresentados de modo claro e breve, utilizando-se verbos no infinitivo obrigatoriamente. Cada objetivo deve conter apenas um verbo e não deve ser justificado (isto será feito à parte). Devem ser mensuráveis e não se devem confundir os resultados a serem alcançados (o conhecimento a ser adquirido) com a aplicação dos resultados (a conscientização, a transformação etc.), já que esta extrapola a capacidade do trabalho.

Michel (2009, p. 120) sugere o uso dos seguintes verbos:

- **para obter, aumentar conhecimento:** apontar, arrolar, enunciar, inscrever, registrar, relatar, identificar, investigar;
- **para gerar compreensão, discussão:** descrever, discutir, esclarecer, examinar, explicar, expressar, identificar, localizar, traduzir, transcrever, investigar;
- **para fazer análises:** analisar, classificar, comparar, constatar, criticar, debater, diferenciar, provar, distinguir, examinar, investigar, discutir, traçar perfil, identificar, avaliar;
- **para fazer sínteses:** articular, compor, constituir, coordenar, reunir, organizar, esquematizar;
- **para fazer avaliações:** apreciar, avaliar, eliminar, escolher, estimar, julgar, preferir, selecionar, validar;
- **para propor aplicação, implantação:** aplicar, demonstrar, empregar, ilustrar, interpretar, inventariar, traçar, praticar, usar, propor a implantação, criar um modelo.

Um procedimento metodológico que pode ser adotado na elaboração do trabalho é seguir a seguinte correspondência: para cada subtema, uma pergunta; para cada pergunta, um objetivo específico; para cada objetivo específico, um capítulo; para cada capítulo, um parágrafo na conclusão; para cada parágrafo da conclusão, uma crítica.

2.2.8 Metodologia

A metodologia demonstra o caminho a ser percorrido no desenvolvimento do trabalho para que se possam alcançar os objetivos traçados. Constituem a metodologia:

- a) *métodos de abordagem*: indutivo, dedutivo, hipotético, dialético, hermenêutico, fenomenológico etc.;
- b) *procedimentos*: comparativo, histórico, estatístico, analítico, experimental, observacional etc.;
- c) *instrumentos*: documentos, bibliografia, entrevistas, estudo de caso etc.;
- d) *etapas*: fases, seções etc.

Os elementos apontados acima não são exaustivos, podendo o autor do trabalho recorrer a outros que julgar apropriados. Cada um deles atende de modo mais ou menos adequado a cada área de conhecimento e podem ser combinados de diversas formas. A metodologia deve ser definida conforme os objetivos e ser suficiente para alcançá-los, tornando a pesquisa viável. Em Filosofia, dados quantitativos são pouco relevantes, então a pesquisa é predominantemente de caráter qualitativo e se apoia sobretudo em fontes bibliográficas.

2.2.9 Desenvolvimento

O desenvolvimento é a parte mais extensa do trabalho. Deve ser dividido em seções (capítulos, tópicos e subtópicos conforme o tipo de trabalho), a critério do autor, observando-se princípios lógicos de argumentação.

O texto do desenvolvimento deve ser dissertativo, em linguagem científica e segundo as normas cultas da língua. Pode ser escrito na forma impessoal ou na primeira pessoa do plural, sendo que a primeira comporta um grau de objetividade maior que a segunda. A forma escolhida pelo autor deve ser única em todo o trabalho, inclusive na introdução e na conclusão. O tempo verbal

recomendável é o presente do indicativo, podendo variar, contudo, conforme as especificidades da pesquisa.

Nunca se deve utilizar o título “Desenvolvimento” no trabalho, e sim o título das seções.

2.2.10 Conclusão

A introdução e a conclusão (como já dito acima) são a “moldura” do trabalho e atestam o êxito ou não da pesquisa realizada. Elas estão diretamente relacionadas. Na conclusão, o autor irá verificar se as perguntas foram respondidas, se as hipóteses (se houver) foram confirmadas e se os objetivos foram alcançados, bem como irá avaliar os resultados, podendo indicar novas perguntas que surgiram ao longo da pesquisa, outras abordagens possíveis, sugestões para outras pesquisas e uma apreciação crítica. Portanto, a conclusão consiste, basicamente, em *síntese* (apresentação dos resultados) e *crítica* (discussão dos resultados).

Constatar, ao final da pesquisa, que os objetivos não foram cumpridos pode indicar inconsistência do trabalho, salvo se a ausência de respostas for em si mesma um resultado da pesquisa e estiver embasado em dados plausíveis, ou seja, a ausência de respostas não deve ser decorrente da ineficiência, mas pode se embasar na constatação da insuficiência de dados disponíveis, da complexidade do problema, de que os procedimentos adotados não são suficientes, de que há outras perspectivas que devem ser consideradas etc.

A conclusão é a parte do trabalho em que o posicionamento do autor mais se faz presente, porém deve-se conservar a objetividade. Mesmo ao apresentar suas apreciações, elas devem estar embasadas no desenvolvimento do trabalho, senão não passam de meras opiniões.

Assim como na introdução, não é recomendável fazer citações na conclusão, pois se espera que o autor do trabalho seja capaz de verificar por si mesmo os resultados. Além disso, os dados necessários para se concluir o trabalho devem ter sido suficientemente expostos no desenvolvimento, dispensando novas fundamentações.

2.2.11 Referências

Referências são as obras que embasam uma pesquisa – podem ser bibliográficas (livros, artigos etc.) ou de outra espécie (vídeos, arquivos etc.). Sua seleção deve ser coerente com a área de

estudo, o objeto pesquisado e a abordagem escolhida. Obrigatoriamente devem ser fontes científicas – textos jornalísticos ou de opinião não têm validade argumentativa no ambiente acadêmico, embora possam ser utilizados em contextos específicos com outras funções. O grau de teor científico e de credibilidade das fontes implica na qualidade do trabalho.

As referências devem indicar somente as obras que foram citadas ao longo do trabalho, assim como toda citação feita deve ter sua respectiva referência incluída no final do mesmo. Isso confere cientificidade ao trabalho, uma vez que permite ao leitor averiguar as fontes utilizadas.

No caso específico do *projeto de pesquisa*, indicam-se as obras citadas na redação do projeto e aquelas mais relevantes que se pretende analisar no decorrer da pesquisa, ou seja, que compõem o referencial teórico.

2.3 Resenha

Resenha ou recensão²

[...] é uma descrição minuciosa [...] é a apresentação do conteúdo de uma obra. Consiste na leitura, no resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro feitos pelo resenhista. [...] A finalidade de uma resenha é informar o leitor, de maneira objetiva e cortês, sobre o assunto tratado no livro, evidenciando a contribuição do autor: novas abordagens, novos conhecimentos, novas teorias. (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 89-90).

O texto é constituído basicamente de dois elementos: *resumo* e *crítica*; detalhando-os, é proposta a estrutura abaixo (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 91-92). Para a elaboração de uma boa resenha, busque-se contemplar todos os itens indicados, adequando-os ao estilo do autor. As divisões não correspondem a títulos.

Referência	<ul style="list-style-type: none"> ▪ referência bibliográfica completa (incluindo o nº total de páginas ou as páginas resenhadas)
Credenciais do autor	<ul style="list-style-type: none"> ▪ informações gerais ▪ autoridade no campo científico
Digesto	<ul style="list-style-type: none"> ▪ descrição da estrutura da obra ▪ objetivos, temas e problemas abordados pelo autor ▪ resumo detalhado das ideias principais
Conclusões do autor	<ul style="list-style-type: none"> ▪ o autor faz conclusões? onde? quais?
Quadro de referência do autor	<ul style="list-style-type: none"> ▪ método utilizado, argumentação ▪ teoria que serviu de embasamento
Apreciação do resenhista (crítica)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ julgamento da obra mediante seu contexto ▪ mérito da obra quanto a suas contribuições ▪ apreciação do estilo de escrita ▪ apreciação da forma de exposição ▪ indicação da obra (a que público é dirigida?)
Credenciais do resenhista	<ul style="list-style-type: none"> ▪ nome e breve informação

² A ABNT (NBR 6028: 2003) diferencia: “**resumo crítico**: Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se recensão.”

2.4 Projeto de pesquisa

O projeto de pesquisa é a descrição da estrutura da pesquisa (ABNT, NBR 15287:2011) e, como tal, compreende um momento imprescindível para o êxito da mesma. Ele permite delinear *o que, por que, para que, como e quando* pesquisar.

Ao apresentar um projeto a uma instituição, o estudante deve verificar as normas próprias estabelecidas por ela. Na Faculdade Dom Luciano Mendes, o projeto de pesquisa é exigido em vista do TCC de graduação em Filosofia e deve seguir a estrutura abaixo. Os itens em negrito correspondem a títulos das seções do projeto, as quais devem ser numeradas conforme indicado. As seções podem ainda ser subdivididas (por exemplo: 1 Apresentação; 1.1 Tema; 1.2 Problematização; 1.3 Hipótese...).

Capa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ instituição, curso, nome do pesquisador, título do projeto, cidade, ano
Folha de rosto	<ul style="list-style-type: none"> ▪ nome do pesquisador, título do projeto, descrição da natureza do projeto, orientador, cidade, ano
Sumário	<ul style="list-style-type: none"> ▪ tópicos, subtópicos e respectiva página inicial
1 Apresentação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ tema e delimitação do tema ▪ problematização ▪ hipótese (opcional)
2 Justificativa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ relevância, contribuição, viabilidade, interesse etc.
3 Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ objetivo geral e específicos
4 Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ método(s) de investigação ▪ procedimentos e instrumentos ▪ etapas
5 Recursos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ recursos e fundos para realização da pesquisa
6 Plano de desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> ▪ sumário provisório (capítulos, tópicos e subtópicos)
7 Cronograma	<ul style="list-style-type: none"> ▪ indicação das etapas (passo a passo) e a duração prevista de cada uma delas (mês/ano)
Referências	<ul style="list-style-type: none"> ▪ fontes principais (incluindo primárias e secundárias)

2.5 Relatório de pesquisa

O relatório é um “documento que descreve formalmente o progresso ou resultado de pesquisa científica e/ou técnica” (ABNT, NBR 10719:2015).

No ambiente acadêmico, ele visa *publicar* (tornar público) o conhecimento adquirido pelo estudante por meio de atividades realizadas, como pesquisa de campo, participação em eventos como ouvinte ou palestrante etc. Os relatórios apresentados devem seguir a estrutura abaixo; o estudante deve buscar relatar o máximo possível das informações solicitadas, não obstante adequando os itens à natureza da pesquisa relatada.

Capa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ instituição, curso, nome do estudante, título, cidade, ano
Folha de rosto	<ul style="list-style-type: none"> ▪ nome do estudante, título, natureza do relatório (atividade(s) e período de realização), professor responsável, cidade, ano
Sumário	<ul style="list-style-type: none"> ▪ tópicos, subtópicos e respectiva página inicial
1 Introdução	<ul style="list-style-type: none"> ▪ breve descrição da(s) atividade(s) realizada(s) ▪ objetivos que foram visados
2 Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ métodos empregados
3 Recursos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ recursos e fundos utilizados
4 Resultados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ recapitulação detalhada do conteúdo observado ou exposto
5 Conclusões	<ul style="list-style-type: none"> ▪ alcances da pesquisa (frente aos objetivos)
6 Apreciação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ pontos positivos e negativos ▪ críticas e propostas ▪ perspectivas de continuação ou finalização da pesquisa
Referências	<ul style="list-style-type: none"> ▪ listagem do referencial teórico utilizado
Apêndice(s) e/ou Anexos(s) (opcionais)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ documentação resultante da pesquisa (textos, fotos, , questionários, certificados etc.); indicar as fontes ▪ <i>apêndice</i>: documento elaborado pelo autor; <i>anexo</i>: documento não elaborado pelo autor

2.6 Artigo científico

Lakatos e Marconi (1992, p. 84) definem:

Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro.

Apresentam o resultado de estudos ou pesquisas e distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e conteúdo.

São publicados em revistas ou periódicos especializados [...].

A ABNT (NBR 6022: 2003) oferece as normas gerais para publicação de artigos científicos, contudo, o autor, ao submeter um artigo à aprovação de um periódico, deve procurar observar as exigências específicas deste. Na Faculdade Dom Luciano Mendes, o artigo científico deve seguir a estrutura abaixo. As expressões “resumo”, “palavras-chave” e “referências” devem aparecer no artigo; quanto à introdução, o desenvolvimento e a conclusão, fica a critério do autor como intitulá-los.

Título	▪ e subtítulo (se houver)
Autoria	▪ nome do autor ▪ credencial em nota de rodapé indicada por asterisco (*)
Resumo	▪ 100 a 250 palavras
Palavras-chave	▪ cerca de 5, em vocabulário técnico
Introdução	▪ tema, problematização, justificativa, objetivos, metodologia
Desenvolvimento	▪ seções e subseções
Conclusão	▪ síntese e crítica dos resultados
Referências	▪ somente as citadas

Diferentes modelos de artigo científico são possíveis segundo o conteúdo, o método e a área de pesquisa. Em Filosofia, os principais são:

- a) *historiográfico*: expõe a leitura de um tema ao longo da história do pensamento ou no percurso da obra de determinado autor; contribui para a identificação das diferenciações e/ou identificações entre várias abordagens de um mesmo tema; o desafio deste modelo reside na conciliação entre abrangência (ampla consideração histórica) e brevidade (limite de um artigo) sem recair na superficialidade;

- b) *temático analítico*: analisa um tema em um determinado autor ou obra, baseado no modo de compreensão intrínseco ao próprio texto; contribui para a clarificação conceitual e da estrutura interna do texto; exige a observância da objetividade e da fidelidade ao texto;
- c) *temático interpretativo*: discute um tema em um determinado autor ou obra a partir de uma chave hermenêutica específica e adequada à melhor compreensão do mesmo; contribui para uma leitura original do objeto de estudo e para o avanço da discussão; seu desafio consiste na pertinência e coerência do modo interpretativo proposto;
- d) *estado da arte*: situa o estado de conhecimento de uma questão em determinada área através de uma revisão crítica do que já foi produzido e do que há ainda a ser investigado, por isso é um *estado da arte* ou *status quaestionis*; tem o mérito de evitar debates repetitivos e de identificar lacunas e perspectivas, permitindo o avanço da pesquisa; exige uma compreensão vasta da situação atual da pesquisa;
- e) *sistemático*: organiza diversos aspectos relacionados a um tema ou questão em busca de uma compreensão geral do objeto estudado, descobrindo e ordenando as relações entre as partes; contribui para uma visão de conjunto, conjugando o geral e o específico dentro de um todo discursivo; tem como desafio evitar as conexões precipitadas e as generalizações reducionistas.

2.7 Monografia

Etimologicamente, monografia (*monos-graphhein*) significa dissertar a respeito de um assunto particular (SALOMON, 1999, p. 253). No meio acadêmico, designa “[...] um trabalho sistemático e completo sobre um assunto particular, usualmente pormenorizado no tratamento mas não extenso no alcance” (American Library Association apud MARCONI; LAKATOS, 1992, p. 151).

A monografia é o formato adotado para o TCC de graduação em Filosofia na Faculdade Dom Luciano Mendes. Segundo Dalberio e Dalberio (2009, p. 93), o que se espera do estudante no trabalho de graduação é que amplie seu vocabulário e, por conseguinte, sua cosmovisão. Assim, a monografia não se pretende exaustiva, mas deve expressar conhecimento do assunto e domínio metodológico. O mais comum é versar sobre um assunto específico tratado por um determinado filósofo, mas pode também relacionar mais de um filósofo ou mesmo focar uma questão filosófica; entretanto, o estudante e seu orientador devem considerar com prudência o tempo de que se dispõe para realização do trabalho, delimitando bem o tema a ser pesquisado.

Conforme a ABNT (NBR 14724:2011), a monografia é composta pelos elementos indicados no quadro abaixo, nesta ordem. Os itens em **negrito** são obrigatórios e os demais, opcionais. Para os elementos textuais, a nomenclatura dos títulos fica a critério do autor (por exemplo: **Introdução** ou **Apresentação**; **Conclusão** ou **Considerações finais**; títulos dos capítulos etc.). A escolha da língua estrangeira para versão do resumo é facultada ao autor do trabalho, desde que seja uma língua moderna. Recomenda-se preferencialmente o inglês ou a língua de origem do filósofo pesquisado.

<i>Pré-textuais</i>	<p>Capa</p> <p>Lombada</p> <p>Folha de rosto</p> <p>Errata</p> <p>Folha de aprovação</p> <p>Dedicatória(s)</p> <p>Agradecimento(s)</p> <p>Epígrafe</p> <p>Resumo em língua vernácula (150 a 500 palavras)</p> <p>Resumo em língua estrangeira</p> <p>Lista de ilustrações</p> <p>Lista de tabelas</p> <p>Lista de abreviaturas e siglas</p> <p>Lista de símbolos</p> <p>Sumário</p>
<i>Textuais</i>	<p>Introdução</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>Conclusão</p>
<i>Pós-textuais</i>	<p>Referências</p> <p>Glossário</p> <p>Apêndice(s)</p> <p>Anexo(s)</p> <p>Índice(s)</p>

3 CITAÇÕES

3.1 Regras gerais

Eco (2007, p. 121) resume a função das citações em duas: “[...] cita-se um texto a ser depois interpretado e [...] cita-se um texto em apoio a nossa interpretação.” O autor propõe ainda algumas regras para a citação, das quais vale destacar as seguintes (ECO, 2007, p. 121-127):

- a) citar com razoável extensão os textos objeto de análise interpretativa por parte do autor;
- b) citar a literatura crítica quando sua autoridade corroborar ou confirmar a afirmação do autor;
- c) citações de textos de que o autor não partilha a mesma ideia devem ser precedidas ou seguidas de expressões críticas;
- d) citar as fontes primárias a partir de edição crítica ou a mais reputada, à medida do possível;
- e) indicar claramente a referência ao autor e à obra;
- f) citar sendo fiel à fonte, indicando-se adequadamente as intervenções e supressões por parte do autor.

As citações consistem em um elemento imprescindível para a argumentação e fundamentação do trabalho acadêmico. Por isso, devem ser inseridas no texto com rigor buscando-se sempre explicitar as fontes utilizadas, independentemente se são citações diretas, indiretas ou citação de citação.

3.2 Sistema autor-data

Deve-se usar o sistema de chamada *autor-data* dentro do texto para identificação de citações, em conformidade com a ABNT (NBR 10520:2002). A chamada é feita pelo sobrenome do autor ou entrada equivalente da referência, em letras maiúsculas se inserida entre parênteses ou minúscula se integrada ao texto. Os dados da *citação* devem conferir com os dados da sua respectiva *referência*³.

³ Ver abaixo a seção 5.3 sobre a correspondência entre referências e citações.

3.3 Tipos de citações

A ABNT (NBR 10520:2002) define:

citação: Menção de uma informação extraída de outra fonte.

citação de citação: Citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original.

citação direta: Transcrição textual de parte da obra do autor consultado.

citação indireta: Texto baseado na obra do autor consultado.

Na citação direta, o autor do trabalho deve ter o cuidado de reproduzir o texto tal qual na fonte, respeitando-se a pontuação, uso de maiúsculas etc.

Na citação indireta, o autor pode sintetizar ou mesmo parafrasear o texto citado conforme as circunstâncias o exijam, buscando ser o mais fiel possível à ideia original sem recair na cópia.

A citação de citação somente deve ser utilizada quando a fonte original não for efetivamente acessível.

3.3.1 Citação direta

Na citação direta, indica-se o *autor*, o *ano* e a *página*. Se a fonte for eletrônica e sem paginação, indicam-se apenas autor e ano. Observar nos exemplos a seguir a forma como a pontuação deve aparecer após citações diretas.

Se a citação for de *até três linhas*, aparece entre aspas duplas no corpo do texto.

Segundo Chauí (2001, p. 17), “A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio.”

ou

“A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio.” (CHAUÍ, 2001, p. 17).

Se a citação tiver *mais de três linhas*, aparece com recuo de 4 cm da margem esquerda, sem aspas e com letra menor que a do corpo do texto.

Eis a etimologia da palavra, segundo Chauí (2001, p. 17):

A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber.

ou

Eis a etimologia da palavra:

A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber. (CHAUÍ, 2001, p. 17).

3.3.2 Citação indireta

Na citação indireta, indica-se o *autor* e o *ano*; neste caso, a página é opcional, mas altamente recomendável.

Segundo Chauí (2001), a palavra filosofia é de origem grega, vem da união de *philia* (amizade) e *sophia* (sabedoria).

ou

Segundo Chauí (2001, p. 17), a palavra filosofia é de origem grega, vem da união de *philia* (amizade) e *sophia* (sabedoria).

ou

A palavra filosofia é de origem grega, vem da união de *philia* (amizade) e *sophia* (sabedoria) (CHAUÍ, 2001).

ou

A palavra filosofia é de origem grega, vem da união de *philia* (amizade) e *sophia* (sabedoria) (CHAUÍ, 2001, p. 17).

3.3.3 Citação de citação

Na citação de citação, indica-se a fonte original seguida de “apud” ou “citado por” e o texto efetivamente consultado. Em nota de rodapé, indica-se a referência completa da fonte original (se disponível). Somente o texto efetivamente consultado constará na lista de referências no final do trabalho.

No texto:

Adorno¹ (1996 apud DUARTE, 2010, p. 241) afirma: “A arte não imita a natureza, nem mesmo o belo natural individual, porém o belo natural em si mesmo.”

ou

“A arte não imita a natureza, nem mesmo o belo natural individual, porém o belo natural em si mesmo.” (ADORNO¹, 1996 apud DUARTE, 2010, p. 241).

Em nota de rodapé:

¹ ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften 7: Ästhetische Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996, p. 113.

Nas referências:

DUARTE, Rodrigo. O que está vivo na estética de Adorno. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p. 221-244.

3.3.4 Citação com intervenções

As intervenções feitas pelo autor nas citações diretas devem ser indicadas. Para *supressões*, utiliza-se [...] ⁴.

“Pensar a diferença ontológica permanece sem dúvida uma tarefa difícil cujo enunciado se manteve quase inaudível. [...] É necessário deixar em todo o rigor aparecer/desaparecer aí o rastro de que excede a verdade do ser [...]” (DERRIDA, 1991, p. 56-57).

Para *interpolações*, acréscimos ou comentários, utiliza-se [].

“Ainda que ‘diferença’ [neografismo *différance* em francês, criado a partir de *différence*] não seja nem uma palavra nem um conceito, tentemos não obstante uma análise semântica fácil e aproximativa que nos conduzirá ao acesso daquilo que está em jogo.” (DERRIDA, 1991, p. 38).

⁴ O uso de colchetes para intervenções (normalizado pela ABNT, NBR 10520:2002) é, de fato, preferível a parênteses, pois pode evitar ambiguidades quando a fonte citada já contiver observações entre parênteses.

Para *ênfase* ou *destaque*, indica-se a intervenção como “grifo nosso”. O destaque pode ser em itálico, negrito ou grifo, devendo o autor padronizar um destes em todo o trabalho.

“A *diferença* é a ‘origem’ não-plena, não-simples, a origem estruturada e *diferante* das *diferenças*. O nome de ‘origem’, portanto, já não lhe convém.” (DERRIDA, 1991, p. 43, grifo nosso).

Quando se tratar de *texto traduzido* pelo autor do trabalho, indicar como “tradução nossa” e incluir o texto original em nota de rodapé (em itálico e sem aspas).

“A filosofia sempre se ateve a isto: pensar o seu outro. Seu outro: o que a limita e aquilo que ela supera em sua essência, sua definição, sua produção” (DERRIDA, 1967, p. I, tradução nossa)².

² *La philosophie a toujours tenu à cela : penser son autre. Son autre : ce qui la limite et dont elle relève dans son essence, sa définition, sa production.*

3.4 Citação de obras clássicas

Em se tratando de obras clássicas, a indicação do ano de publicação da edição consultada após o nome do autor pode parecer pouco plausível. Ainda que isso não comprometa o uso referencial do sistema autor-data, pode se recorrer a recursos específicos para tais obras⁵.

Uma opção é substituir o ano e a página por indicações convencionais das obras clássicas (título ou abreviação do título) e suas divisões (livro, capítulo, parágrafo, linha etc.) comumente utilizadas em edições críticas e compartilhadas pela comunidade científica.

⁵ O sistema autor-data cumpriria, a princípio, a função de indicar a sucessão cronológica das publicações (sobretudo pertinente dentro de uma leitura “evolutiva” da pesquisa), mas deixa de fazê-lo ao serem utilizadas edições que não a primeira, assim como traduções. Não obstante, o sistema se justifica por seu caráter referencial, permitindo identificar as citações junto às referências mediante autor e data. Este sistema se tornou predominante na maioria das publicações científicas atualmente, inclusive em Filosofia. O caso da citação de obras clássicas não é diferenciado pela ABNT; as sugestões apontadas aqui são embasadas no uso comum da comunidade científica.

“[...] compara nossa natureza, conforme seja ou não educada, com a seguinte situação: imagina homens em uma morada subterrânea em forma de caverna [...]” (PLATÃO, *República*, VII, 514a).

“Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei!” (AGOSTINHO, *Conf.*, X, 27, 38).

Outra opção é criar siglas para as obras principais se forem frequentemente citadas (e elencá-las na “Lista de siglas”). Esta opção também pode ser empregada para outras obras em geral.

Aristóteles (EN, 1098a, 10-20) assim ilustra a relação entre hábito e virtude: “Porquanto uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco; e da mesma forma um dia, ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso.”

Pode-se ainda indicar a data de publicação original seguida da data da publicação consultada.

“Somente por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a supor que possui uma ‘verdade’ [...]” (NIETZSCHE, 1873/1979, §1).

4 NOTAS

4.1 Regras gerais

As notas devem ser inseridas em rodapé, indicadas por algarismos arábicos, com numeração única e progressiva em todo o trabalho (sem reiniciar a cada página ou seção). Devem situar-se na margem inferior da mesma página do texto a que se referem, evitando-se que sejam fragmentadas de uma página para outra.

4.2 Tipos de notas

4.2.1 Notas explicativas

As notas de rodapé são usadas principalmente para explicações e adendos. Elas são úteis principalmente para (ECO, 2007, p. 130-131):

- a) acrescentar outras indicações bibliográficas de reforço;

A “destruição” da metafísica empreendida por Heidegger (2005) não consiste em seu aniquilamento, e sim em uma “des-construção” em busca de seu sentido originário³.

³ Ver §6 de *Ser e Tempo*. Ver ainda Inwood (2002).

- a) fazer citação de reforço sem interromper o texto;

A “destruição da metafísica” empreendida por Heidegger (2005) não consiste em seu aniquilamento, e sim em uma “des-construção”⁴ em busca de seu sentido originário.

⁴ Ver Inwood (2002, p. 160): “Heidegger evita a palavra usual para ‘destruição’, *Zerstörung*, em favor da palavra derivada do latim *Destruction*.”.

- b) remeter a outra parte do próprio trabalho ou a outra obra;

A “destruição” da metafísica empreendida por Heidegger (2005) não consiste em seu aniquilamento, e sim em uma “des-construção” em busca de seu sentido originário⁵.

⁵ Voltaremos a esta questão no capítulo 3.

- c) ampliar as afirmações do texto sem sobrecarregá-lo;

Em *Ser e Tempo*, Heidegger propõe uma retomada da metafísica a partir da analítica do *Dasein*, mas não se trata de uma antropologia⁶.

⁶ Esta questão tem sido amplamente discutida, principalmente em razão da recepção francesa da obra heideggeriana *Ser e Tempo*, como se pode perceber, por exemplo, na conferência *O existencialismo é um humanismo*, na qual Sartre (1979) elenca Heidegger entre os existencialistas ateus.

- d) problematizar afirmações do próprio autor, indicando possíveis contra-argumentos;

Em *Ser e Tempo*, Heidegger propõe uma retomada da metafísica a partir da analítica do *Dasein*⁷, mas não se trata de uma antropologia.

⁷ *Dasein* tem sido traduzido no português por “ser-aí” (STEIN, 1979) e “presença” (SCHUBACK, 2005), entre outros, porém preferimos manter o termo em alemão, a fim de evitar os equívocos que as tentativas de tradução comportam.

4.2.2 Notas de referência

As notas de rodapé podem ainda ser usadas para indicar a fonte das citações. Porém, uma vez adotado o sistema autor-data para citações dentro do texto, o uso de notas de referência é reservado apenas para estes dois casos:

- a) indicar fontes referentes a comunicação pessoal e trabalhos não publicados (sendo que estas não serão inseridas na lista de referências no final do trabalho);

O *thaumátzein*, que segundo os gregos dá início ao filosofar, comporta um duplo sentido de admiração e espanto, do que se pode depreender que a Filosofia é contemplativa e crítica⁸.

⁸ Interpretação do Prof. Antonino Souza em uma conferência sobre “O legado de Platão” pronunciada na UFMG, Belo Horizonte, maio 2007.

b) indicar a fonte original quando ocorrer citação de citação.

Segundo Adorno⁷ (1996 apud DUARTE, 2010, p. 241), “A arte não imita a natureza, nem mesmo o belo natural individual, porém o belo natural em si mesmo.”

ou

“A arte não imita a natureza, nem mesmo o belo natural individual, porém o belo natural em si mesmo.” (ADORNO⁹, 1996 apud DUARTE, 2010, p. 241).

⁹ ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften 7: Ästhetische Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996, p. 113.

5 REFERÊNCIAS

5.1 Regras gerais

A ABNT (NBR 6023:2002) define referência como o “Conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual”. Como tal, deve ser rigorosamente observada a formatação, ordem e pontuação normalizadas. Para fins de normalização, são apresentados a seguir os casos mais comuns de referências e seu formato normativo.

Alguns elementos são essenciais (autor, título, local, data etc.) e outros complementares (quantidade de páginas, nome completo ou abreviado, título da coleção etc.), sendo que estes podem ser acrescentados opcionalmente pelo autor quando julgar relevante, desde que padronize o procedimento em todo o trabalho.

Via de regra, somente as obras efetivamente citadas no trabalho devem ser listadas nas referências. No caso específico do projeto de pesquisa, listam-se também as obras principais a serem consultadas no decorrer da pesquisa.

5.2 Elementos específicos

5.2.1 Data

A data de publicação é indicada pelo *ano* (livros e trabalhos acadêmicos), ou pelo *mês e ano* (periódicos), ou pelo *dia, mês e ano* (jornal).

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FONTES FILHO, Osvaldo. Natureza, individuação e logos em Merleau-Ponty. *Veritas*, Porto Alegre, v. 51, n. 2, p. 37-54, jun. 2006.

GULLAR, Ferreira. E o lobo virou cordeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 maio 2011. Ilustrada, p. 12.

Para indicar um intervalo entre meses, usa-se barra.

VAZ, Henrique C. de Lima. Esquecimento e memória do ser: sobre o futuro da metafísica. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 27, n. 88, p. 149-163, maio/ago. 2000.

Nos meios eletrônicos, além da data de publicação, indica-se também a data de acesso (*dia, mês e ano*).

ROOS, Jonas. Kierkegaard e a análise do desespero entre o indivíduo e a sociedade. *Controvérsia*, São Leopoldo, v. 5, n. 3, p. 8-18, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br/pdf/117.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

O *mês*, quando indicado, é abreviado na língua do documento, conforme normalizado pela ABNT (NBR 6023:2002):

<i>português</i>	<i>espanhol</i>	<i>italiano</i>	<i>francês</i>	<i>inglês</i>	<i>alemão</i>
jan.	enero	genn.	janv.	Jan.	Jan.
fev.	feb.	febbr.	févr.	Feb.	Feb.
mar.	marzo	mar.	mars	Mar.	März
abr.	abr.	apr.	avril	Apr.	Apr.
maio	mayo	magg.	mai	May	Mai
jun.	jun.	giugno	juin	June	Juni
jul.	jul.	luglio	juil.	July	Juli
ago.	agosto	ag.	août	Aug.	Aug.
set.	sept.	sett.	sept.	Sept.	Sept.
out.	oct.	ott.	oct.	Oct.	Okt.
nov.	nov.	nov.	nov.	Nov.	Nov.
dez.	dic.	dic.	déc.	Dec.	Dez.

A ABNT (NBR 6023: 2002) enfatiza a importância da data: “Por se tratar de elemento essencial para a referência, sempre deve ser indicada uma data, seja da publicação, distribuição, do copyright, da impressão, da apresentação (depósito) de um trabalho acadêmico, ou outra.” Por isso, se a *data não consta* na publicação ou não está precisa, indica-se uma data aproximada entre colchetes obtida através de fonte confiável.

BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Ed. 70, [1990?].

DURANT, Will. *A filosofia de Platão*. Tradução Maria Theresa Miranda. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução Maria G. Lopes e Sousa. Porto: Rés, [198-?].

Várias situações são possíveis:

[1971 ou 1972]	um ano ou outro
[1969?]	data provável
[1973]	data certa, mas não indicada no item
[entre 1906 e 1912]	use intervalos menores de 20 anos
[ca. 1960]	data aproximada
[197-]	década certa
[197-?]	década provável
[18--]	século certo
[18--?]	século provável

5.2.2 Local e editora

O local é indicado pelo nome da *cidade*. A editora é indicada pelo nome principal, abreviando-se os prenomes e suprimindo-se informações jurídicas ou comerciais (Editora, Livraria, Ltda. etc.).

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Tradução Cleonice P. B. Mourão et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução Ricardo C. Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2010.

Havendo *duas editoras*, indicam-se ambas; se tiverem a mesma localização, não se repete o nome da cidade. Havendo três ou mais editoras, indica-se a principal.

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. Tradução Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. 2 v.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1986.

Se o local e a editora *não constam* na publicação, indicam-se *sine loco* [S.l.] e *sine nomine* [s.n.] respectivamente, mas se puderem ser identificados por outras fontes confiáveis, inserem-se entre colchetes.

ANTUNES, Jonas. *Introdução à filosofia*. Porto Alegre: [s.n.], 1979.

BURN, Lucilla. *Mythes grecques*, [Paris]: Seuil, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible*. [S. l.]: Gallimard, 1964.

SILVA NETO, Antônio J. *Elementos de lógica*. [S.l.: s.n.], 1953.

5.2.3 Edição

Indica-se a edição a partir da segunda, acrescida das informações constantes abreviadas: ampliada (ampl.), aumentada (aum.), revisada (rev.), atualizada (atual.) etc. Nunca se indica a primeira edição.

BORNHEIM, Gerd Alberto. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. São Paulo: Globo, 1989.

BORNHEIM, Gerd Alberto. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. 11. ed. São Paulo: Globo, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia A.; MARTINS, Maria H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1993.

A edição deve ser indicada na forma adotada na língua do documento:

<i>português</i>	<i>espanhol</i>	<i>italiano</i>	<i>francês</i>	<i>inglês</i>	<i>alemão</i>
2. ed.	2 ed.	2ª ed.	2e éd.	2nd ed.	2. Aufl.
3. ed.	3 ed.	3ª ed.	3e éd.	3rd ed.	3. Aufl.
4. ed.	4 ed.	4ª ed.	4e éd.	4th ed.	4. Aufl.
5. ed.	5 ed.	5ª ed.	5e éd.	5th ed.	5. Aufl.

5.2.4 Meio eletrônico

As fontes disponíveis em meio eletrônico são indicadas, em geral, da mesma forma que o meio impresso, acrescidas da descrição física segundo sua natureza (internet, CD-ROM, CD, DVD, eBook etc.) e de outras específicas se relevantes.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. São Paulo: Europa Filmes, 2003. 1 DVD (112 min).

KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). *Enciclopédia e dicionário digital 98*. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

NASCIMENTO, Milton. *Milton*. Guarulhos: EMI, 1995. 1 CD.

No caso de documento disponível *online*, indica-se o endereço eletrônico (*link*) entre os sinais < >, retirando-se os destaques gráficos (*hiperlink*), acrescido da data de acesso.

CORTELLA, Mário S. *Filosofia*. São Paulo: MEC, 1988. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002680.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=8kcVwgDqi70C&lr=&hl=pt-BR>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

Em se tratando de documentos de internet, deve-se avaliar com maior atenção a idoneidade e procedência dos mesmos, principalmente quando carecem de elementos essenciais de identificação como autor, tradutor e data. Busque-se identificar o máximo de informações relevantes para identificação do documento.

5.3 Autoria (e sistema autor-data)

A indicação da autoria está sujeita a diversas situações. Sua exatidão é primordial para permitir a remissão das citações às respectivas referências listadas. Tendo-se em vista o sistema *autor-data*, os exemplos a seguir buscam demonstrar essa correspondência.

5.3.1 Um autor

Havendo um só autor, indica-se este.

Nas referências:

BORNHEIM, Gerd A. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. São Paulo: Globo, 1969.

Nas citações:

Segundo Bornheim (1969), o filosofar é despertado por uma experiência de crise existencial.

ou

O filosofar é despertado por uma experiência de crise existencial (BORNHEIM, 1969).

5.3.2 Dois ou três autores

Havendo dois ou três autores, indicam-se todos na ordem em que aparecerem na obra.

Nas referências:

AMADO, João; GAMA, João; MORÃO, Artur. *O prazer de pensar: 11º ano de filosofia*. Lisboa: Edições 70, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?*. Paris: Minuit, 1991.

Nas citações:

De acordo com Deleuze e Guattari (1991), filosofar é criar conceitos.

Segundo Amado, Gama e Morão (1992), conhecer é habitar um mundo.

ou

Filosofar é criar conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 1991).

Conhecer é habitar um mundo (AMADO; GAMA; MORÃO, 1992).

5.3.3 Mais de três autores

Havendo mais de três autores (sem hierarquia de organizador, editor etc.), indica-se o primeiro elencado na obra seguido de “et al.” (*et alli* = e outros)

Nas referências:

CARDOSO, Sérgio et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Nas citações:

A partir de Cardoso et al. (1987), percebe-se que as paixões são compreendidas de diferentes modos ao longo da história do pensamento.

ou

As paixões são compreendidas de diferentes modos ao longo da história do pensamento (CARDOSO et al., 1987).

5.3.4 Organizador, editor etc.

Havendo um responsável pelo todo da obra, indica-se este seguido da função: organizador (Org.), editor (Ed.), compilador (Comp.), coordenador (Coord.) etc.

Nas referências:

ATKINSON, Sam (Ed.). *O livro da filosofia*. Tradução Rosemarie Ziegelmanier. São Paulo: Globo, 2011.

HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Mas se apenas uma parte da obra é considerada (capítulo, artigo, verbete), especifica-se o autor da parte. Para fins de citação, o autor da parte citada é que será indicado; a autoria do conjunto da obra (organizador, editor etc.) será indicada apenas na lista de referências.

Nas referências:

DIAS, Maria Rosa. Schopenhauer e a arte. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 103-123.

Nas citações:

Segundo Dias (2010, p. 110), “Schopenhauer encontra na contemplação estética a possibilidade para transcender o modo comum de se perceber o mundo”.

ou

“Schopenhauer encontra na contemplação estética a possibilidade para transcender o modo comum de se perceber o mundo” (DIAS, 2010, p. 110).

5.3.5 Autor-entidade

Se a autoria for atribuída a uma entidade, indica-se esta (podendo-se optar pela sigla se for o caso). Se for publicado pela mesma, não se repete a editora.

Nas referências:

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 14724: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 2 jan. 2017.

Nas citações:

A igualdade é um princípio fundador da constituição brasileira (BRASIL, 1988).

5.3.6 Autoria desconhecida

Se a obra não possui nenhuma autoria (nem mesmo editor etc.), a entrada deve-se dar pela primeira palavra do título em letras maiúsculas e o título não recebe outro destaque tipográfico (nem itálico, nem negrito). Se o título começar por artigo, este é incluído. Ao citar, utiliza-se reticências para abreviar o título. Contudo, há que se ter precaução quanto à credibilidade de documentos sem autoria e somente citá-los se pertinente ao contexto utilizado.

Nas referências:

A OBRIGAÇÃO de julgar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 2007. Opinião, p. 2.

HISTÓRIA da Filosofia no Brasil. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/História_da_filosofia_no_Brasil>. Acesso em: 7 jan. 2017.

Nas citações:

O início da reflexão filosófica no Brasil remete ao século XVI (HISTÓRIA..., 2016).

5.3.7 Mesmo autor e mesmo ano

Havendo mais de uma obra de mesma autoria e mesmo ano, elas são diferenciadas por uma sequência de letras após o ano (2001a, 2001b, 2001c...).

Nas referências:

STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002a.

_____. *Uma breve introdução à filosofia*. Ijuí: Unijuí, 2002b.

Nas citações:

Para Stein (2002b), é preciso entender a especificidade do que é pensar filosoficamente.

ou

É preciso entender a especificidade do que é pensar filosoficamente (STEIN, 2002b).

5.3.8 Tradutor

Para obra traduzida, indica(m)-se o(s) tradutor(es) nas referências, sem implicação nas citações. O nome do tradutor (considerado opcional pela ABNT) é recomendável por ser um dado altamente relevante em matéria de textos filosóficos.

Nas referências:

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução Maria Beatriz M. N. da Silva, Pedro L. Lopes e Pérola de Carvalho. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Tradução Pergentino S. Pivatto et al. Petrópolis: Vozes, 1993.

5.4 Tipos de documentos

Tendo-se em vista os elementos e regras gerais apresentados acima, cada tipo de documento recebe um formato específico de referência, seja em meio *impresso* ou *eletrônico*.

5.4.1 Livro

Quando considerado no todo, indica-se o autor do livro ou responsável pelo conjunto da obra. O título é destacado graficamente, mas o subtítulo não.

MARQUES, Lúcio; REIS, Maurício (Org.). *Entre o ser e o não-ser*. Porto Alegre: Fi, 2016.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

5.4.2 Livro em meio eletrônico

MARQUES, Lúcio; REIS, Maurício (Org.). *Entre o ser e o não-ser*. Porto Alegre: Fi, 2016. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/48d206_583bb4d73c844e478ed3ecf5d7ad784b.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2017.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=8kcVwgDqi70C&lr=&hl=pt-BR>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

5.4.3 Capítulo de livro

Para referenciar uma parte do livro, acrescenta os dados do capítulo e as páginas correspondentes no final. Se forem autores diferentes, indicam-se o autor do capítulo e o autor do livro. Se for o mesmo autor, ao invés de repeti-lo, substitui-se por 6 traços *underline*.

COLI, Jorge. O sono da razão produz monstros. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 301-312.

HEIDEGGER, Martin. A superação da metafísica. In: _____. *Ensaio e conferências*. Tradução Emmanuel C. Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá C. Schuback. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 61-86.

PEREIRA, Miguel Baptista. Introdução. In: RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés, [1983?]. p. I-XLV.

5.4.4 Capítulo de livro em meio eletrônico

ALMEIDA, Luciano P. Mendes de. Curso de interiorização. In: MARQUES, Lúcio; REIS, Maurício (Org.). *Entre o ser e o não-ser*. Porto Alegre: Fi, 2016, p. 27-104. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/48d206_583bb4d73c844e478ed3ecf5d7ad784b.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2017.

SUAREZ, Rosana. Elogio do riso. In: _____. *Nietzsche comediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2007. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=xpilEs4HKiAC&hl=pt-BR>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

5.4.5 Dicionário e enciclopédia

Seguem o mesmo formato de livros em geral. Somente se não houver nenhuma autoria é que a entrada se dá pelo título. Havendo mais de um volume, indicar a quantidade ou o volume utilizado.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. rev. ampl. Tradução Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 994.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995. 20 v.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995. v. 5.

FERREIRA, Aurélio B. de H.. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

5.4.6 Dicionário e enciclopédia em meio eletrônico

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Lisboa: Priberam, 2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

ENCYCLOPÆDIA Universalis. Boulogne-Billancourt: Encyclopædia Universalis France, 2016. Disponível em: <<http://www.universalis.fr>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa: versão 5.0*. Curitiba: Positivo, 2004. 1 CD ROM.

KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). *Enciclopédia e dicionário digital 98*. São Paulo: Delta; Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

5.4.7 Verbetes de dicionário ou enciclopédia

Para especificar um verbete, acrescenta-se o título do mesmo, assim como o volume (se for o caso) e a(s) página(s) correspondente(s). A forma da referência é semelhante à de um capítulo de livro. Se houver a autoria do verbete ou autoria da obra, a entrada se dá normalmente pelo sobrenome do mesmo. Mas se não houver nenhuma autoria (e somente neste caso), a entrada se dá pelo verbete.

ABBAGNANO, Nicola. Política. In: _____. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. rev. ampl. Tradução Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 773-774.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Referência. In: _____. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. p. 2120.

POLITICA. In: ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995. v 16, p. 301.

Assim, no momento de citar, procede-se normalmente pela entrada da referência.

Nas referências:

ABBAGNANO, Nicola. Política. In: _____. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. rev. ampl. Tradução Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 773-774.

POLITICA. In: ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995. v 16, p. 301.

Nas citações:

O sentido da palavra “política” remete ao direito, à moral, ao Estado e ao governo (ABBAGNANO, 2007, p. 773-774), assim como à interação dos indivíduos em sociedade (POLITICA, 1995, p. 301).

Isso não impede, contudo, que o autor acrescente informações à citação e/ou à referência quando julgar pertinente. Por exemplo, citando mais de um verbete de uma mesma obra e inserindo a referência da obra no todo:

Nas referências:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. rev. ampl. Tradução Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Nas citações:

O sentido da palavra “política” remete a um tempo à vida em sociedade e ao governo, à “polis” e à administração desta (ABBAGNANO, 2007, verbetes “Política” e “Sociedade”).

4.2.8 Verbetes de dicionário ou enciclopédia em meio eletrônico

Ao adicionar a descrição do meio eletrônico, informar a localização referente ao verbete específico. No caso de documento online, indicar o link do verbete, e não o da página principal.

MORFOLOGIA dos artrópodes. In: ENCICLOPÉDIA multimídia dos seres vivos. [S.l.]: Planeta DeAgostini, c1998. CD-ROM 9.

POLÍTICA. In: DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Lisboa: Priberam, 2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/politica>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

PRÉLOT, Marcel. Politique, la science politique. In : ENCYCLOPÆDIA Universalis. Encyclopædia Universalis France, 2016. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/politique-la-science-politique>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

5.4.9 Artigo de revista

Destaca-se o nome da revista, e não o título do artigo.

VAZ, Henrique C. de Lima. Morte e vida da Filosofia. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 677-691, out./dez. 1991.

FONTES FILHO, Osvaldo. Natureza, individuação e logos em Merleau-Ponty. *Veritas*, Porto Alegre, v. 51, n. 2, p. 37-54, jun. 2006.

5.4.10 Artigo de revista em meio eletrônico

Nem sempre as revistas eletrônicas possuem paginação, mas havendo deve ser indicada. Inserir o endereço eletrônico do artigo específico, e não o da página principal da revista.

BARBOSA, Rafael B. A ideia husserliana de fenomenologia. *InconΦidentia*, Mariana, v. 2, n. 2, p. 21-40, jan./julh. 2014. Disponível em: <<http://inconconfidentia.famariana.edu.br/wp-content/uploads/2014/08/A-ideia-husserliana-de-fenomenologia.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

ROOS, Jonas. Kierkegaard e a análise do desespero entre o indivíduo e a sociedade. *Controvérsia*, São Leopoldo, v. 5, n. 3, p. 8-18, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br/pdf/117.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

5.4.11 Artigo de jornal

Além do nome do jornal, indica-se também o nome do caderno em que se encontra o artigo.

GULLAR, Ferreira. E o lobo virou cordeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 maio 2011. Ilustrada, p. 12.

5.4.12 Artigo de jornal em meio eletrônico

CONDE, Miguel. Slavoj Zizek e a novidade do comunismo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 maio 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/05/28/slavoj-zizek-a-novidade-do-comunismo-382949.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

5.4.13 Trabalhos acadêmicos

Indicam-se a natureza da pesquisa e a instituição onde o trabalho foi defendido. A primeira data refere-se ao ano da defesa e a segunda, da publicação.

CAMPOS, Bruno V. *O esclarecimento como origem da reificação*. 2010. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Faculdade Arquidiocesana de Mariana, Mariana, 2010.

OLIVEIRA, Adriano J. de. *A sublimidade do inefável: o místico no Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009.

REIS, Emilien V. B. *A faculdade da vontade na polêmica antipelagiana em Santo Agostinho*. 2010. 210 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

5.4.14 Trabalhos acadêmicos em meio eletrônico

OLIVEIRA, Adriano J. de. *A sublimidade do inefável: o místico no Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/011111-adriano%20jose%20de%20oliveira.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2012.

REIS, Emilien V. B. *A faculdade da vontade na polêmica antipelagiana em Santo Agostinho*. 2010. 210 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3101>. Acesso em: 21 mar. 2012.

6 FORMATAÇÃO GRÁFICA

6.1 Regras gerais

As regras a seguir foram definidas de acordo com a ABNT (NBR 14724: 2011).

6.1.1 Papel e margem

O trabalho deve ser digitado em cor preta e impresso em papel branco formato A4 (29,7 x 21 cm). Os elementos pré-textuais devem ser impressos no anverso da folha; já os elementos textuais e pós-textuais podem ser impressos no anverso e no verso da folha⁶.

As margens devem ser formatadas com:

3 cm	margens superior e esquerda
2 cm	margens inferior e direita

6.1.2 Espaço e parágrafo

O espaço entre linhas deve ser de:

1,5 (um e meio)	corpo do texto, entre título e subtítulo, entre título e texto
1 (simples)	citações diretas longas, notas de rodapé, referências, legendas, natureza na folha de rosto e na folha de aprovação

Deve-se usar o *parágrafo moderno*, isto é, sem recuo da primeira linha e com dois espaços entre parágrafos⁷. Separar também com dois espaços: título e texto; título e subtítulo; as referências entre si.

⁶ Esta nova prática tem caráter sustentável e é sugerida na atualização normativa da ABNT em 2011, a qual também indica a impressão em papel branco ou reciclado.

⁷ Para isso, pode se apertar o ENTER duas vezes ou se pode usar a formatação automática, configurando-se o parágrafo com o espaçamento correspondente: no editor de texto *Microsoft Word*, para texto com espaço 1,5 entre linhas, configurar o parágrafo com espaço de “18 pt depois”; para texto com espaço 1 entre linhas, configurar o parágrafo com espaço de “12 pt depois”.

Já as notas de rodapé são separadas entre si apenas com um espaço simples e alinhadas pela primeira letra da primeira palavra após o número, de modo a destacar este.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger pretendia empreender uma destruição da metafísica, porém não foi além da analítica do *Dasein*¹ e o projeto da obra ficou inacabado².

A “destruição da metafísica” empreendida por Heidegger (2005) não consiste em sua recusa ou aniquilamento, como poderia soar a princípio, e sim em uma des-construção dos caminhos da metafísica no ocidente em busca de seu sentido originário³.

¹ *Dasein* tem sido traduzido no português por “ser-aí” (STEIN, 1979) e “presença” (SCHUBACK, 2005), entre outros, porém preferimos manter o termo em alemão, a fim de evitar os equívocos que as tentativas de tradução² comportam.

A obra teria duas partes com três seções cada; Heidegger publicou apenas as duas primeiras seções da primeira parte. Ver “O sumário do tratado” (HEIDEGGER, 2005, p. 70-71).

³ Ver Inwood (2002, p. 160): “Heidegger evita a palavra usual para ‘destruição’, *Zerstörung*, em favor da palavra derivada do latim *Destruction*.”

Visualizando-se os símbolos de formatação⁸, pode se perceber como se dá a inserção dos parágrafos (representados por ¶):

Em *Ser e Tempo*, Heidegger pretendia empreender uma destruição da metafísica, porém não foi além da analítica do *Dasein*¹ e o projeto da obra ficou inacabado².¶

¶

A “destruição da metafísica” empreendida por Heidegger (2005) não consiste em sua recusa ou aniquilamento, como poderia soar a princípio, e sim em uma des-construção dos caminhos da metafísica no ocidente em busca de seu sentido originário³.¶

_____¶

¹ *Dasein* tem sido traduzido no português por “ser-aí” (STEIN, 1979) e “presença” (SCHUBACK, 2005), entre outros, porém preferimos manter o termo em alemão, a fim de evitar os equívocos que as tentativas de tradução² comportam.¶

A obra teria duas partes com três seções cada; Heidegger publicou apenas as duas primeiras seções da primeira parte. Ver “O sumário do tratado” (HEIDEGGER, 2005, p. 70-71).¶

³ Ver Inwood (2002, p. 160): “Heidegger evita a palavra usual para ‘destruição’, *Zerstörung*, em favor da palavra derivada do latim *Destruction*.”¶

⁸ Recurso disponível no editor de texto *Microsoft Word* clicando-se neste ícone: ¶ (“Mostrar marcas de parágrafos e outros símbolos de formatação ocultos.”).

Todo texto deve ser alinhado *justificado*. As citações longas são recuadas a 4 cm da margem esquerda. A descrição da natureza do trabalho na folha de rosto inicia-se no meio da mancha gráfica para a margem direita. As referências devem ser alinhadas *à esquerda* (e não justificadas) e listadas em ordem alfabética.

6.1.3 Paginação

A paginação deve ser inserida no *canto superior direito*, na mesma fonte utilizada no corpo do texto e em tamanho 10. Conta-se a paginação a partir da folha de rosto, mas o algarismo só aparece a partir da introdução⁹. Deve-se evitar quebra de página após título, fragmentação de citações de uma página para outra e nota de rodapé em página diferente do texto em que se encontra indicada sua correspondência. Para isso, pequenas adaptações de espaçamento podem ser feitas evitando elementos “órfãos”.

6.1.4 Fonte

O tipo de fonte a ser utilizado é Times New Roman ou Arial. O tamanho da fonte deve ser:

fonte 12	<ul style="list-style-type: none"> ▪ corpo do texto ▪ títulos e subtítulos ▪ capa ▪ sumário ▪ referências ▪ demais elementos pré e pós-textuais
fonte 10	<ul style="list-style-type: none"> ▪ citações diretas longas ▪ notas de rodapé ▪ números de página ▪ legendas e fontes das ilustrações ▪ descrição da natureza do trabalho na folha de rosto

⁹ Para que o número da paginação seja omitido das páginas iniciais, pode se recorrer à configuração do editor de texto *Microsoft Word*, seguindo-se estes passos:

- 1) após a última página a ser omitido o número, inserir “quebra de seção/ próxima página”;
- 2) na próxima página, “inserir número de página”;
- 3) ir para “formatar números de página”, escolher para “iniciar em” e digitar o número correspondente;
- 4) desmarcar “vincular ao anterior”;
- 5) deletar o número das páginas a omitir.

6.1.5 Títulos e numeração

Títulos *numerados* devem ser alinhados à esquerda da folha; títulos *não numerados* devem ser centralizados. Títulos e subtítulos devem ser formatados de modo lógico e hierárquico, padronizando-se um estilo tipográfico para cada nível. A tipografia utilizada nos títulos e subtítulos deve ser reproduzida de modo idêntico no Sumário.

Exemplos:

A	B	C
TÍTULO PRINCIPAL:	TÍTULO PRINCIPAL:	TÍTULO PRINCIPAL:
subtítulo	SUBTÍTULO	subtítulo
TÍTULO	TÍTULO	TÍTULO
1 TÍTULO PRIMÁRIO	1 TÍTULO PRIMÁRIO	1 TÍTULO PRIMÁRIO
1.1 Título secundário	1.1 TÍTULO SECUNDÁRIO	1.1 Título secundário
<i>1.1.1 Título terciário</i>	1.1.1 Título terciário	<i>1.1.1 Título terciário</i>
1.1.1.1 Título quaternário	<i>1.1.1.1 Título quaternário</i>	<i>1.1.1.1 Título quaternário</i>
	1.1.1.1.1 Título quinário	1.1.1.1.1 Título quinário

As *seções* do desenvolvimento do trabalho devem ser numeradas em algarismos arábicos e em sequência lógica. A ABNT (NBR 6024:2012) orienta “[...] limitar a numeração progressiva até a seção quinária”. O algarismo é alinhado à esquerda e separado do título correspondente apenas por um espaço (e não por ponto, hífen etc.).

Subdivisões não numeradas no interior do texto podem ser inseridas em forma de *alíneas*, indicadas por letras minúsculas sequenciais, seguidas de parêntese, separadas entre si por ponto-e-vírgula, alinhadas justificadas e com recuo à esquerda. As alíneas não constam no Sumário.

- a) alínea;
- b) alínea;
- c) alínea.

6.1.6 Ilustrações

Entende-se por ilustração toda imagem inserida para ilustrar ou elucidar um texto (fotografias, desenhos, esquemas, mapas, gráficos etc.). O uso de ilustrações em trabalho filosófico resulta, quase sempre, dispensável, embora possa ser útil conforme a natureza do estudo ou para fins didáticos. Nesse caso, alguns cuidados devem ser observados:

- a) não inserir mais ilustrações que o necessário;
- b) não supor que a imagem significa argumento filosófico, pois ela permanece sendo uma ilustração;
- c) cuidar para que a imagem esteja rigorosamente de acordo com o tema e sirva como objeto de análise;
- d) indicar os créditos da imagem em respeito à propriedade intelectual e observar as restrições de publicação, pois seu uso indevido constitui plágio.

A imagem deve ser inserida no texto próxima ao trecho a que se refere, precedida de uma *legenda* (designação, numeração e descrição da natureza da imagem) e sucedida da *fonte* de onde foi extraída (autoria). As legendas devem ser numeradas em sequência única ao longo do trabalho (Figura 1, Figura 2...) e poderão ser objeto de uma “Lista de ilustrações” (opcional).

Se a ilustração for de autoria do próprio autor do trabalho, indica-se essa informação (Fonte: elaborada pelo autor/ foto do autor etc.). Se a fonte for de autoria alheia, esta segue os mesmos princípios para citações de textos (Fonte: autor, data, página se houver) e os dados completos da fonte deverão constar na lista de referências no final do trabalho.

No caso de ilustração extraída da internet, não confundir a fonte com o link da imagem nem com o buscador de imagens (Google etc.). A referência da página onde a imagem está inserida é que permite verificar sua autoria, sua idoneidade e o contexto em que ela se apresenta. Por isso, indica-se a referência completa no final do trabalho, incluindo o link da página (e não o link da imagem)¹⁰.

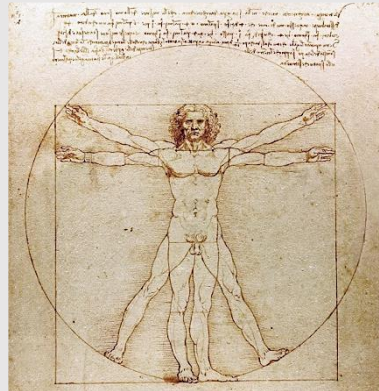
Exemplo:

¹⁰ Ver acima as seções 5.2.4 e 5.4 sobre referências de meio eletrônico.

No texto:

A concepção renascentista da “divina proporção” é expressa na imagem do homem de Vitruvius (FIG. 1), harmonizando ciência, arte e humanismo.

Figura 1 – Leonardo da Vinci, “O homem vitruviano” (c. 1492)



Fonte: HOMEM, 2016.

Nas referências:

HOMEM vitruviano (desenho de Leonardo da Vinci). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Homem_Vitruviano_\(desenho_de_Leonardo_da_Vinci\)&oldid=47461600](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Homem_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci)&oldid=47461600)>. Acesso em: 13 dez. 2016.

6.2 Elementos específicos

A ABNT normaliza a estrutura dos textos, a composição e ordem de seus elementos e alguns aspectos da formatação do texto, mas quanto ao projeto gráfico, deixa a critério do autor. Os modelos a seguir padronizam formatos a serem adotados, elaborados em conformidade com as normas vigentes.

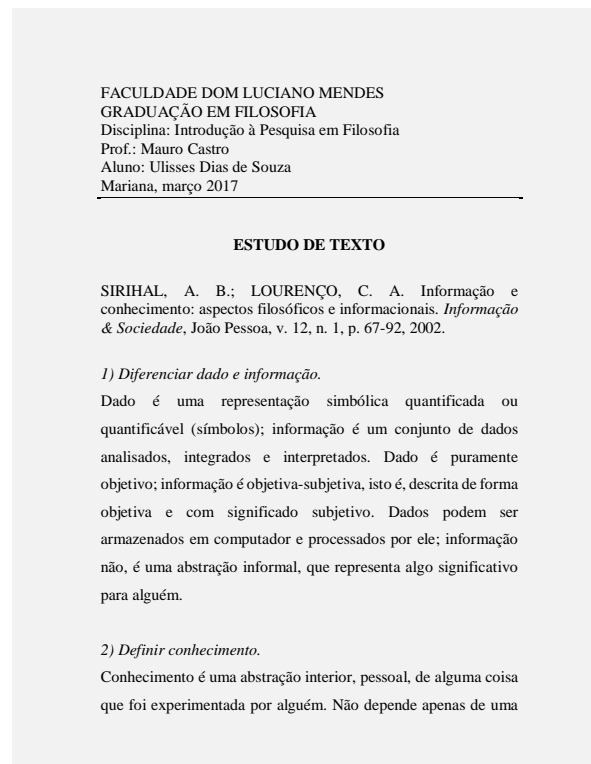
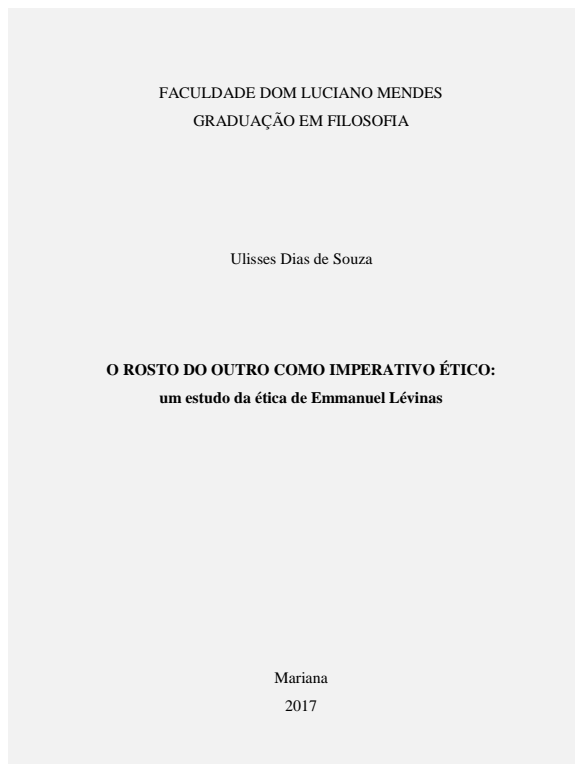
6.2.1 Capa

Os itens da capa devem ser apresentados nesta ordem: instituição, autor, título, subtítulo (se houver), local, ano (ABNT, NBR 14724: 2011).

O nome da instituição deve aparecer junto à margem superior da página; o nome do autor, entre a instituição e o título; o título e o subtítulo, no centro; o local e o ano, junto à margem inferior. Todos os itens devem ser centralizados. O subtítulo deve ser graficamente diferenciado do título.

Em trabalhos muito breves (resumo, fichamento, estudo de texto etc.), pode se substituir a capa e a folha de rosto por um cabeçalho de identificação (instituição, curso, disciplina, professor, autor, local e data). Outra opção é dispensar a capa e inserir apenas a folha de rosto.

Exemplos - capa e cabeçalho:



Guia rápido:

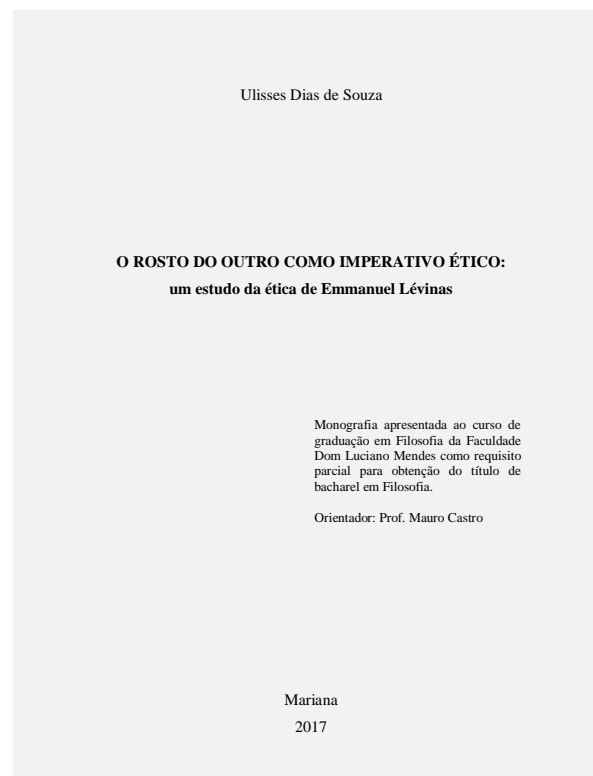
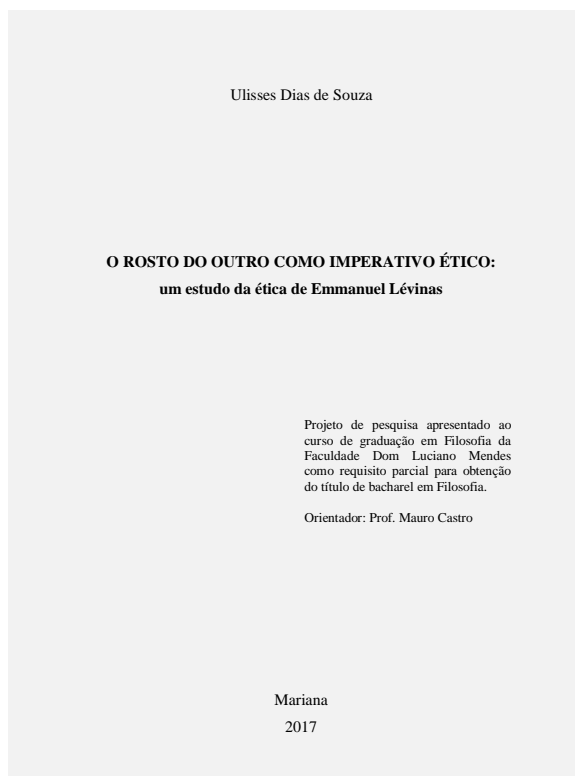
- todos os itens da capa em fonte 12, centralizados, espaço 1,5 entre linhas;
- título e subtítulo em negrito.

6.2.2 Folha de rosto

Os itens da folha de rosto devem ser apresentados nesta ordem: autor, título, subtítulo (se houver), natureza, orientador, local, ano. Na descrição da natureza, indicam-se o tipo do trabalho (projeto de pesquisa, relatório, monografia etc.), o objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido etc.), a instituição a que é submetido e o orientador (ABNT, NBR 14724: 2011).

O nome do autor deve aparecer junto à margem superior; o título e o subtítulo, entre o autor e a natureza; a descrição da natureza e o orientador, no quarto inferior direito (imagina-se a página dividida em quatro partes iguais); o local e o ano, junto à margem inferior. O subtítulo deve ser graficamente diferenciado do título (como na capa). Todos os itens devem ser centralizados, exceto a natureza, que deve ser justificada e iniciada do centro da página.

Exemplos – folha de rosto em projeto de pesquisa e em monografia:



Guia rápido:

- natureza e orientador em fonte 10, espaço 1 entre linhas, justificados;
- demais itens em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas, centralizados.

6.2.3 Errata e folha de aprovação

A errata (opcional) é um elemento útil quando se detectam erros no trabalho após impresso (inclusive para apresentar à banca examinadora no momento da defesa). Apresentada em papel avulso, deve ser inserida após a folha de rosto, iniciada com a referência bibliográfica do trabalho e seguida da descrição dos erros e sua correção (ABNT, NBR 14724: 2011).

A folha de aprovação (obrigatória na monografia) deve apresentar os itens nesta ordem: autor, título, subtítulo (se houver), natureza, data de aprovação, banca examinadora (nome, titulação, assinatura e instituição de origem dos componentes). As datas e assinaturas são inseridas após a aprovação no espaço previamente designado a elas (ABNT, NBR 14724: 2011).

Exemplos – errata e folha de aprovação em monografia:

SOUZA, Ulisses Dias de. *O rosto do Outro como imperativo ético: um estudo da ética de Emmanuel Lévinas*. 2012. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Faculdade Dom Luciano Mendes, Mariana, 2017.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
11	17	roto	rosto
15	3	transcendente	transcendental
27	10	filosófica	filológica
28	20	a cerca	acerca
30	1	Afim	A fim
41	11	<i>vissage</i>	<i>visage</i>

Ulisses Dias de Souza

**O ROSTO DO OUTRO COMO IMPERATIVO ÉTICO:
um estudo da ética de Emmanuel Lévinas**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Mauro Castro – Fac. Dom Luciano Mendes (Orientador)

Prof. Edvaldo Melo – Fac. Dom Luciano Mendes

Guia rápido:

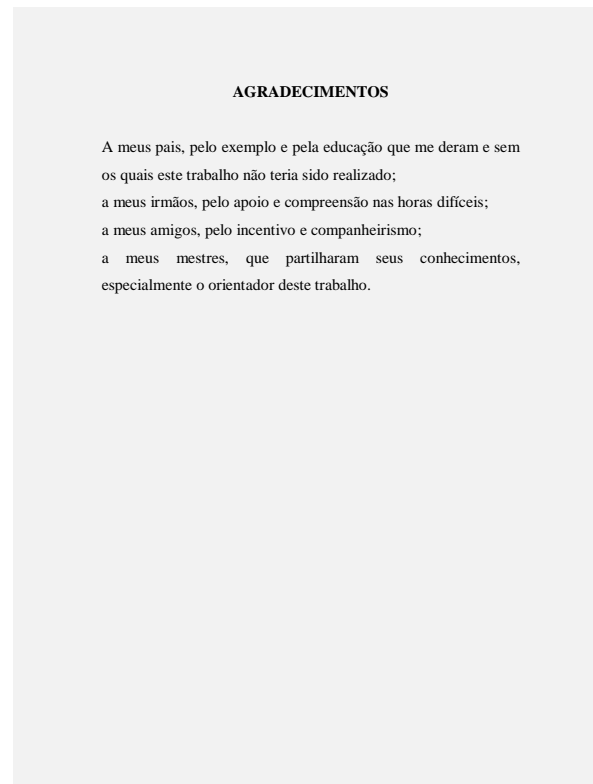
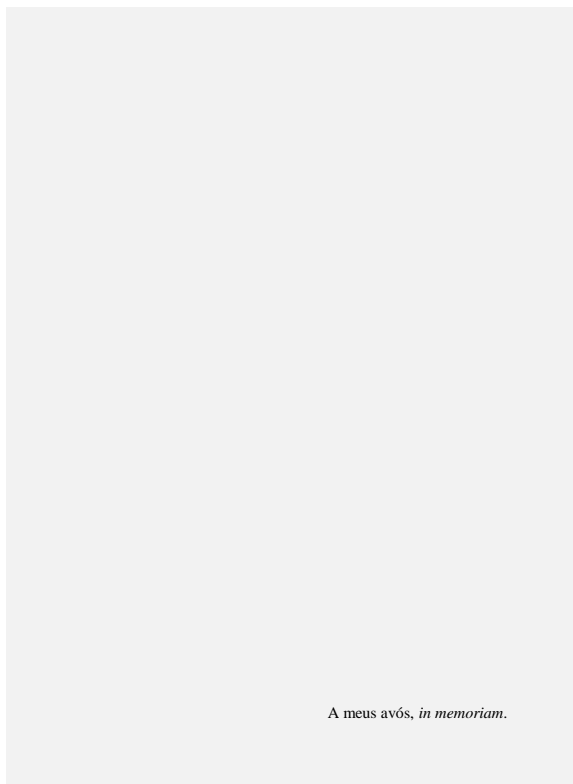
- errata em fonte 12, espaço de 1,5 entre linhas para texto e 1 para referência;
- folha de aprovação em fonte 12 e espaço 1,5 entre linhas, exceto natureza (fonte 10 e espaço 1 entre linhas).

6.2.4 Dedicatória e agradecimentos

Dedicatória e agradecimento(s) são opcionais e seu conteúdo é de cunho subjetivo a cargo do autor do trabalho.

A dedicatória não deve ser intitulada; o texto deve ser apresentado junto à margem inferior da página, começando a partir do centro e alinhado à direita. Já os agradecimentos devem ser precedidos pelo título sem numeração; o texto deve ser alinhado justificado; havendo mais de um agradecimento, pode se elencá-los separados por ponto e vírgula. Ambos devem ser formatados em fonte 12 e com espaçamento de 1,5 entre linhas.

Exemplos – dedicatória e agradecimentos em monografia:



Guia rápido:

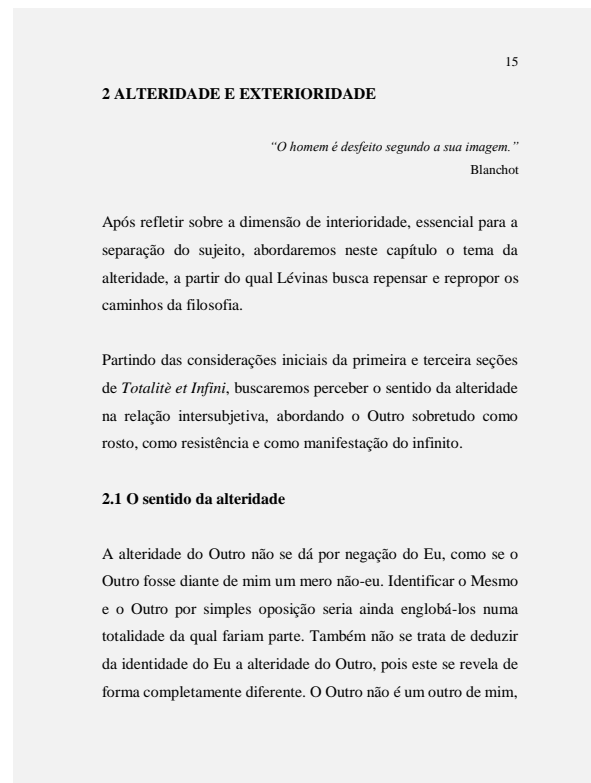
- fonte 12, espaço 1,5 entre linhas;
- dedicatória alinhada à direita e sem título;
- agradecimento justificado e intitulado.

6.2.5 Epígrafe

A epígrafe (opcional) pode ser inserida como elemento pré-textual e/ou no texto abrindo as seções primárias (ABNT, NBR 14724: 2011). Consiste em uma citação relacionada ao conteúdo do trabalho, não necessariamente de caráter argumentativo, mas que o autor julgue relevante, provocativa ou inspiradora para a concepção do trabalho, podendo, inclusive, ser de caráter literário.

Como elemento pré-textual, a epígrafe deve ser apresentada em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas, junto à margem inferior da página, começando a partir do centro e alinhada à direita. Se inserida no texto, deve ser formatada como citação longa: fonte 10, espaço 1 entre linhas, recuada a 4 cm da margem esquerda. Pode ser destacada em itálico.

Exemplos – epígrafe pré-textual e epígrafe textual em monografia:



Guia rápido:

- se pré-textual, fonte 12 e espaço 1,5 entre linhas;
- se textual, fonte 10 e espaço 1 entre linhas.

6.2.6 Resumo

O resumo deve ser redigido em parágrafo único, sucedido pelas palavras-chave. As palavras-chave devem ser separadas entre si e finalizadas por ponto (ABNT, NBR 6028: 2003).

No artigo, resumo e palavras-chave devem ser apresentados em fonte 10 e espaço 1 entre linhas; já na monografia, em fonte 12 e espaço 1,5 entre linhas.

Na versão para língua estrangeira, utilizar as expressões correspondentes: *Abstract/ Keywords* (inglês), *Résumé/ Mots-clés* (francês), *Riassunto/ Parole chiave* (italiano) *Resumen/ Palabras clave* (espanhol), *Zusammenfassung/ Schlüsselwörter* (alemão).

Exemplos – resumo em artigo e resumo em monografia:

Considerações sobre o “eu” em Agostinho e Descartes

Ulisses Dias de Souza*

Resumo: Investiga as convergências ou divergências entre a *interioridade* agostiniana e o *cogito* cartesiano, enquanto abordagens filosóficas do “eu”. Analisa as obras *Confissões*, de Agostinho (sobretudo o Livro X) e *Meditações*, de Descartes (sobretudo da 1ª à 3ª meditação). Num primeiro momento, aborda cada autor separadamente, buscando perceber neles o caminho de reflexão percorrido, o conceito de “eu” e o papel da figura de Deus dentro do seu sistema. Em seguida, confronta os resultados de ambos, apontando possíveis (des)continuidades.

Palavras-chave: Agostinho. Descartes. Eu. Interioridade. Subjetividade.

Frequentemente a modernidade é definida como a época do sujeito, indicando-se para a virada gnosiológica empreendida por Descartes. Entretanto, pode se perceber que o “eu” veio sendo constituído ao longo de toda a história da filosofia, ganhou evidência na modernidade e entrou em crise na filosofia contemporânea.

1 O caminho das *Confissões*

Logo no início das *Confissões*, Agostinho proclama a Deus: “Criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, *Conf.*, Li.1). O contexto em

* Graduando em Filosofia na Faculdade Dom Luciano Mendes

RESUMO

Investiga as convergências ou divergências entre a *interioridade* agostiniana e o *cogito* cartesiano, enquanto abordagens filosóficas do “eu”. Analisa as obras *Confissões*, de Agostinho (sobretudo o Livro X) e *Meditações*, de Descartes (sobretudo da 1ª à 3ª meditação). Num primeiro momento, aborda cada autor separadamente, buscando perceber neles o caminho de reflexão percorrido, o conceito de “eu” e o papel da figura de Deus dentro do seu sistema. Em seguida, confronta os resultados de ambos, apontando possíveis (des)continuidades.

Palavras-chave: Agostinho. Descartes. Eu. Interioridade. Subjetividade.

Guia rápido:

- no artigo, fonte 10 e espaço 1 entre linhas;
- na monografia, fonte 12 e espaço 1,5 entre linhas.

6.2.7 Sumário

O sumário é o último elemento antes do texto e deve indicar os elementos que lhe sucedem (logo, excluem-se os elementos pré-textuais e incluem-se os textuais e pós-textuais). Enumeram-se os elementos e as divisões do texto (seções e subseções) na mesma ordem em que aparecem no trabalho e com tipografia idêntica à utilizada no mesmo. Deve ser indicado o número da página inicial correspondente a cada item enumerado (ABNT, NBR 6027: 2012).

Exemplos – sumário em projeto de pesquisa e sumário em monografia:

SUMÁRIO	
1 APRESENTAÇÃO	3
2 JUSTIFICATIVA	5
3 OBJETIVOS	8
4 METODOLOGIA	9
5 PLANO DE DESENVOLVIMENTO	10
6 CRONOGRAMA	11
REFERÊNCIAS	12

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	5
1 IDENTIDADE E INTERIORIDADE	7
1.1 A constituição da subjetividade	7
1.2 Crítica à totalidade	10
1.2.1 <i>Ontologia e totalidade</i>	10
1.2.2 <i>Outramente que ser</i>	13
2 ALTERIDADE E EXTERIORIDADE	15
2.1 O sentido da alteridade	15
2.2 A epifania do rosto	19
2.2.1 <i>Rosto e expressão</i>	13
2.2.2 <i>Vestígio do infinito</i>	10
3 RELAÇÃO ÉTICA	22
3.1 O imperativo “não matarás”	22
3.2 Responsabilidade	24
3.2.1 <i>A responsabilidade por outrem</i>	27
3.2.2 <i>Da responsabilidade à ética</i>	29
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35

Guia rápido:

- itens enumerados na mesma ordem em que aparecem no trabalho;
- grafia dos itens idêntica à utilizada no trabalho.

6.2.8 Referências

Além da observância das normas para elaboração de referências¹¹, sua apresentação gráfica deve ser padronizada (ABNT, NBR 6023: 2002). O destaque tipográfico do título deve ser uniforme, assim como a utilização ou não de elementos complementares e a abreviação de nomes. Se repetir o autor, este é substituído por 6 traços *underline*; se repetirem autor e ano, este é acrescido de letras sequenciais (para fim de citações). As referências devem ser listadas em ordem alfabética, alinhadas à margem esquerda, com espaço 1 entre linhas e separadas entre si por mais um espaço. Divisões temáticas na listagem são opcionais.

Exemplos – referências em monografia:

37

REFERÊNCIAS

a) primárias

LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 1990.

_____. *Da existência ao existente*. Trad. Paul A. Simon e Ligia M. C. Simon. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Tradução Pergentino Stefano Pivatto et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Ética e infinito*: diálogos com Philippe Nemo. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988a.

_____. *Totalidade e infinito*. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Ed. 70, 1988b.

b) secundárias

DERRIDA, Jacques. Violence et métaphysique: essai sur la pensée d'Emmanuel Lévinas. In: _____. *L'Écriture et la Différence*. Paris: Seuil, 1967, p. 117-228.

FABRI, Marcelo. *Desencantando a ontologia*: subjetividade e sentido ético em Lévinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

HAYAT, Pierre. *Individualisme Éthique et Philosophie chez Levinas*. Paris: Kimé, 1997.

MALKA, Salomon. *Emmanuel Lévinas: la vie et la trace*. Paris: J.C. Lattès, 2002.

38

PAIVA, Márcio Antônio de. Subjetividade e Infinito: o declínio do cogito e a descoberta da alteridade. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 27, n. 88, p. 213-232, 2000.

PETROSINO, Silvano. *Fondamento ed esasperazione*: saggi sul pensare di Emmanuel Levinas. Genova: Marietti, 1992.

SOUZA, Ricardo Timm de; FARIAS, André Brayner; FABRI, Marcelo (Org.). *Alteridade e ética*: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

RICOEUR, Paul. *Outramente*: leitura do livro Autrement qu'être ou au delà de l'essence de Emmanuel Lévinas. Tradução Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1999.

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: EST; Petrópolis: Vozes, 1984.

VÁSQUEZ MORO, Ulpiano. *El Discurso sobre Dios en la obra de E. Levinas*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1982.

WYSCHOGROD, Edith. *Emmanuel Levinas: The Problem of Ethical Metaphysics*. New York: Fordham University Press, 2000.

c) complementares

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*: a palavra plural. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. v. 1.

_____. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Guia rápido:

- fonte 12, espaço 1 entre linhas, separadas entre si por mais um espaço;
- alinhadas junto à margem esquerda e em ordem alfabética.

¹¹ Ver acima a seção 5.

6.3 Resenha

Os elementos da resenha (pré-textuais, textuais e pós-textuais) devem ser apresentados de modo consecutivo, sem inserir quebras de página para cada elemento. Não se costuma intitular a resenha e suas seções, mas pode-se fazê-lo opcionalmente. Na referência da resenha, é obrigatório informar as páginas (nº total de páginas ou páginas resenhadas); se for tradução, é recomendável incluir os dados da edição original (se disponíveis).

Exemplo – resenha de livro:

RESENHA

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010. 144 p. Tradução de: *Die Zukunft Einer Illusion*, 1927.

O médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939) marcou o início do século XX com seus estudos de Psicanálise, a qual revolucionou nosso modo de ver o homem e a cultura. Tendo mergulhado nas ciências naturais, medicina e psicoterapia, volta-se na presente obra para o estudo da religião.

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud afirma que a formação da religião é de mesma natureza das outras ciências: defesa da força da natureza e retificação das deficiências da civilização. O homem, carente de proteção, cria os deuses a quem teme e se confia. É uma forma de reação contra o desamparo paterno infantil, onde a relação filho/pai assemelha-se à homem/Deus. Desnecessário seria avaliar o valor das verdades das doutrinas religiosas, pois não passam de ilusões.

Mas sem a religião a sociedade não estaria sujeita ao caos? Freud argumenta que a civilização corre um risco maior com a religião do que sem ela. A religião exerceu seu papel de organizadora, porém não fez a humanidade feliz.

3

O primeiro fator para o fim da religião é o aumento do espírito científico. Com isso chegar-se-á a admitir a origem puramente humana das regulamentações e preceitos da civilização, os quais surgiram não para dominá-la, mas para servi-la. A religião é a neurose obsessiva da humanidade. Por isso, seria necessário sairmos da infância e da vida hostil através de uma educação para a realidade. Freud termina o livro colocando uma questão: sim ou não à religião? Para tentar responder, “a voz do intelecto é suave mas obstinada. [...] Não, nossa ciência não é uma ilusão. [...] Ilusão seria buscar a verdade em outro lugar” (p. 151).

Dentre outras obras nas quais Freud aborda o problema religioso (como *Totem e tabu* e *Moisés e a religião monoteísta*), o presente livro é o que nos oferece uma melhor visão de sua análise. Das críticas feitas à religião pelos pensadores dos últimos tempos – como Feuerbach, Marx e Nietzsche – a de Freud se insere na tendência radical de completa negação. Certo é que contribuiu significativamente naquilo a que se propôs, ao condenar certas atitudes religiosas – as quais, segundo ele, não oferecem ao homem mais que meras ilusões.

Ulisses Dias de Souza
(graduando em Filosofia na Faculdade Dom Luciano Mendes)

Guia rápido:

- corpo do texto e título em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas;
- referência em fonte 12, espaço 1 entre linhas;
- dois espaços entre parágrafos e entre texto e título.

6.4 Projeto de pesquisa

No projeto de pesquisa, cada um dos elementos (pré-textuais, textuais e pós-textuais) deve ser iniciado em nova página. O cronograma pode ser apresentado em forma de tabela.

Exemplos – objetivos e cronograma em projeto de pesquisa:

8

3 OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto é investigar a fundamentação da ética a partir da alteridade segundo Emmanuel Lévinas.

Os objetivos específicos são:

- analisar o conceito de imperativo ético;
- discutir a relação entre alteridade e ética;
- identificar possíveis princípios para a ética contemporânea.

11

7 CRONOGRAMA

<i>Atividades/ meses</i>	mar.2012	abr.	maio	jun.	jul.	ago.	set.	out.
Lev. bibliográfico	x							
Análise das obras	x	x						
Esboço		x						
Escrita 1º capítulo			x					
Escrita 2º capítulo				x				
Escrita 3º capítulo					x			
Revisão 1º capítulo				x				
Revisão 2º capítulo					x			
Revisão 3º capítulo						x		
Introd. e conclusão							x	
Formatação							x	x
Revisão final							x	x

Guia rápido:

- corpo do texto e títulos em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas;
- referências em fonte 12, espaço 1 entre linhas e alinhadas à esquerda;
- nota da folha de rosto, notas de rodapé e citações longas em fonte 10, espaço 1 entre linhas;
- dois espaços entre parágrafos, títulos e referências.

6.5 Relatório de pesquisa

No relatório, cada um dos elementos (pré-textuais, textuais e pós-textuais) é iniciado em nova página; contudo, este formato pode ser adaptado conforme a extensão do relatório e a natureza da pesquisa relatada.

Exemplos – apêndice e anexo¹² em relatório:



Guia rápido:

- corpo do texto e títulos em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas;
- referências em fonte 12, espaço 1 entre linhas e alinhadas à esquerda;
- nota da folha de rosto, notas de rodapé, citações longas e legendas em fonte 10, espaço 1 entre linhas;
- dois espaços entre parágrafos, títulos e referências.

¹² Para a imagem inserida, a referência completa da fonte a ser listada será: COLLOQUIUM. In: FAM. Faculdade Arquidiocesana de Mariana. Mariana, 2016. Disponível em: < <http://www.famariana.edu.br/scholastica>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

6.6 Artigo científico

Os elementos do artigo (pré-textuais, textuais e pós-textuais) devem ser apresentados de modo consecutivo, sem inserir quebras de página para cada elemento. Os elementos textuais podem opcionalmente ser intitulados e divididos em seções.

Exemplos –primeira e última páginas de artigo:

Considerações sobre o “eu” em Agostinho e Descartes

Ulisses Dias de Souza*

Resumo: Investiga as convergências ou divergências entre a *interioridade* agostiniana e o *cogito* cartesiano, enquanto abordagens filosóficas do “eu”. Analisa as obras *Confissões*, de Agostinho (sobretudo o Livro X) e *Meditações*, de Descartes (sobretudo da 1ª a 3ª meditação). Num primeiro momento, aborda cada autor separadamente, buscando perceber neles o caminho de reflexão percorrido, o conceito de “eu” e o papel da figura de Deus dentro do seu sistema. Em seguida, confronta os resultados de ambos, apontando possíveis (des)continuidades.

Palavras-chave: Agostinho, Descartes, Eu, Interioridade, Subjetividade.

Frequentemente a modernidade é definida como a época do sujeito, indicando-se para a virada gnosiológica empreendida por Descartes. Entretanto, pode se perceber que o “eu” veio sendo constituído ao longo de toda a história da filosofia, ganhou evidência na modernidade e entrou em crise na filosofia contemporânea.

1 O caminho das *Confissões*

Logo no início das *Confissões*, Agostinho proclama a Deus: “Criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, *Conf.*, Li.1). O contexto em

* Graduando em Filosofia na Faculdade Dom Luciano Mendes.

11

Trata-se, portanto, de dois momentos significativos na abordagem filosófica do “eu”. Agostinho inaugurou o estudo da interioridade humana, mostrando que a busca da Verdade passa pela experiência interior do homem, mas remete a um além. Descartes adotou um caminho similar, porém, ao encontrar as certezas que buscava, o sujeito retorna a si mesmo, reafirmando sua capacidade de conhecimento.

Há, portanto, uma *continuidade* no pensamento de Descartes da temática agostiniana da interioridade no tocante ao objeto de reflexão, o “eu”. Mas a divergência nos objetivos e resultados de cada autor revelam uma *descontinuidade*: o caminho agostiniano do interior ao transcendente culmina na contemplação de Deus, ao passo que o caminho cartesiano retorna ao *cogito*.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Meditações*. 5. ed. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Tradução Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997.

Guia rápido:

- corpo do texto e títulos em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas;
- referências em fonte 12, espaço 1 entre linhas, alinhadas à esquerda;
- resumo, palavras-chave, notas e citações longas em fonte 10, espaço 1 entre linhas;
- dois espaços entre parágrafos, títulos e referências.

6.7 Monografia

Na monografia, cada um dos elementos (pré-textuais, textuais e pós-textuais) deve ser iniciado em nova página, assim como cada um dos capítulos do desenvolvimento.

Exemplos – desenvolvimento de monografia:

15

2 ALTERIDADE E EXTERIORIDADE

Após refletir sobre a dimensão de interioridade, essencial para a separação do sujeito, abordaremos neste capítulo o tema da alteridade, a partir do qual Lévinas busca repensar e repropor os caminhos da filosofia.

Partindo das considerações iniciais da primeira e terceira seções de *Totalité et Infini*, buscaremos perceber o sentido da alteridade na relação intersubjetiva, abordando o Outro sobretudo como rosto, como resistência e como manifestação do infinito.

2.1 O sentido da alteridade

A alteridade do Outro não se dá por negação do Eu, como se o Outro fosse diante de mim um mero não-eu. Identificar o Mesmo e o Outro por simples oposição seria ainda englobá-los numa totalidade da qual fariam parte. Também não se trata de deduzir da identidade do Eu a alteridade do Outro, pois este se revela de forma completamente diferente. O Outro não é um outro de mim, não é um *alter ego*. Por isso, não se podem conceber da mesma forma a constituição da identidade do Eu e a manifestação da alteridade do Outro.

16

A separação do Eu em relação ao mundo se dá como *interioridade*, identificação, Mesmo. Já “o outro é separado em relação ao mundo e a mim como *exterioridade*: é a alteridade mesma que o constitui como outro, e não a identificação” (SUSIN, 1984, p. 221). Há aí uma irreversibilidade que não permite identificar o Outro a partir do Eu, nem o Eu a partir do Outro⁹. A relação do Mesmo ao Outro é *assimétrica*.

A alteridade do mundo com relação ao eu é somente formal, já a alteridade de outrem supõe uma separação radical, o que só é possível se o outro é realmente Outro em relação ao Mesmo, não relativa, mas absolutamente. Como afirma Lévinas,

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo.

O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo “tu” ou “nós” não é um plural de “eu”. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum. (LÉVINAS, 1988, p. 26).

⁹ Lévinas não sistematiza o uso do conceito em maiúscula ou minúscula, entretanto pode se perceber um uso mais frequente de *Autre* para referir-se à alteridade em sentido absoluto (inclusive Deus), *autre* para a alteridade em sentido relativo (inclusive o mundo) e *autrui* para o humano em específico.

Guia rápido:

- corpo do texto e títulos em fonte 12, espaço 1,5 entre linhas;
- referências em fonte 12, espaço 1 entre linhas e alinhadas à esquerda;
- resumo, nota da folha de rosto, nota da folha de aprovação, notas de rodapé, citações longas e legendas em fonte 10, espaço 1 entre linhas;
- dois espaços entre parágrafos, títulos e referências.

REFERÊNCIAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6022: Informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *NBR 6023: Informação e documentação – Referências – Elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *NBR 6024: Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2012.
- _____. *NBR 6027: Informação e documentação – Sumário – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2012.
- _____. *NBR 6028: Informação e documentação – Resumo – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *NBR 10520: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *NBR 10719: Informação e documentação – Relatório técnico e/ou científico – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2015.
- _____. *NBR 14724: Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2011.
- _____. *NBR 15287: Informação e documentação – Projeto de pesquisa – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2011.
- DALBERIO, Osvaldo; DALBERIO, Maria Célia B. *Metodologia científica: desafios e caminhos*. São Paulo: Paulus, 2009.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 18. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FRANÇA, Júnia Lessa et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1992.
- MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.